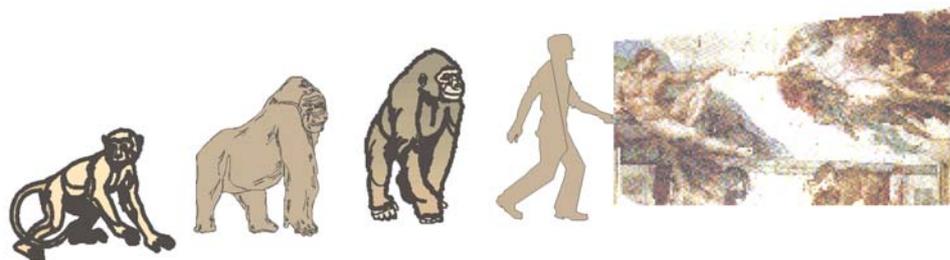


Os Tipos Humanos: A Teoria da Personalidade

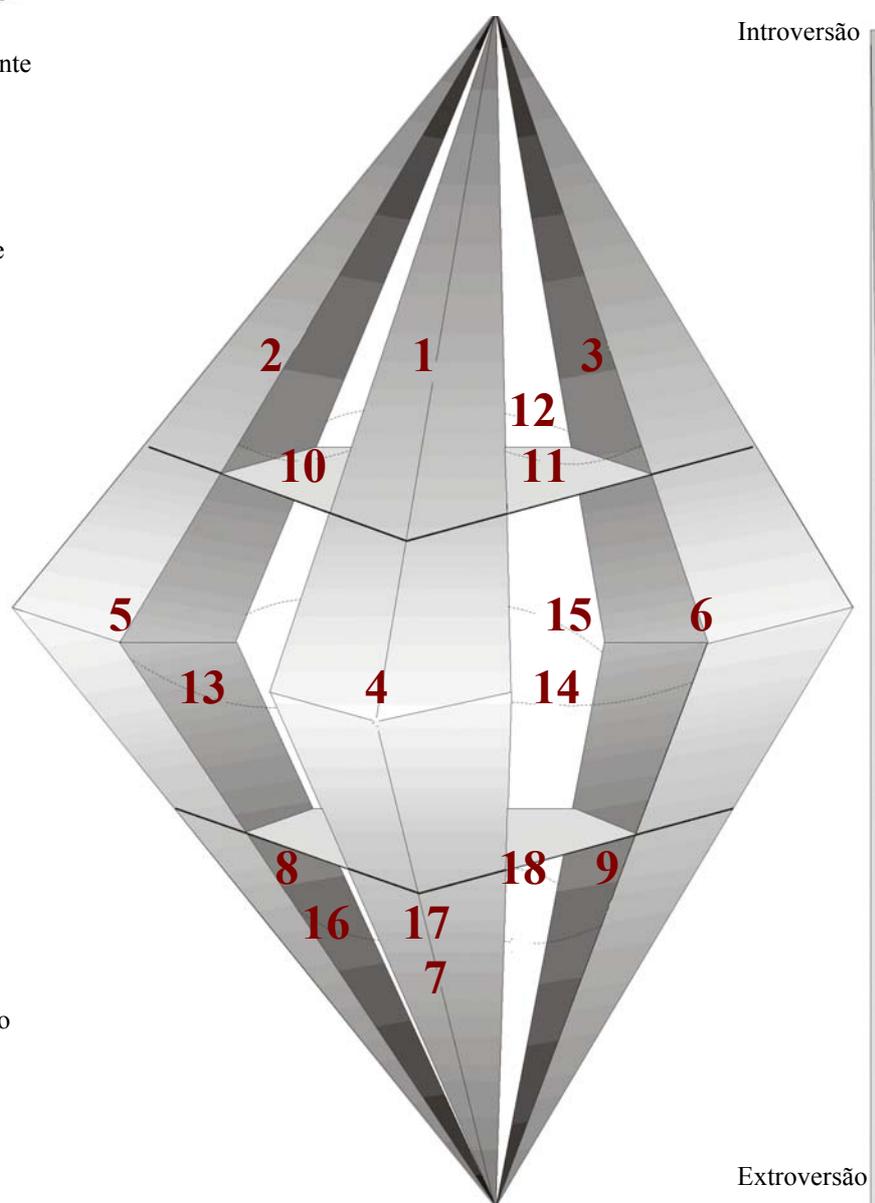
Luiz Pasquali

OS TIPOS HUMANOS: A TEORIA DA PERSONALIDADE

Luiz Pasquali, Docteur, UnB



- 1: Conhecer Psíquico Dominante
- 2: Sentir Psíquico Dominante
- 3: Agir Psíquico Dominante
- 4: Conhecer Misto
- 5: Sentir Misto
- 6: Agir Misto
- 7: Conhecer Físico Dominante
- 8: Sentir Físico Dominante
- 9: Agir Físico Dominante



- 10: Conhecer – Sentir Psíquico
- 11: Conhecer – Agir Psíquico
- 12: Sentir – Agir Psíquico
- 13: Conhecer – Sentir Misto
- 14: Conhecer – Agir Misto
- 15: Sentir – Agir Misto
- 16: Conhecer – Sentir Físico
- 17: Conhecer – Agir Físico
- 18: Sentir – Agir Físico

Sumário

Luiz Pasquali

Prefácio

Capítulo 1 - Conceito de Temperamento

1. Introdução
2. História do Temperamento
3. Teorias do Temperamento
 - 3.1. Teoria dos humores
 - 3.2. Teorias Morfológicas
 - 3.3. Teorias psicológicas (tipologias psicológicas)
 - 3.3.1. Tipologia de Jung
 - 3.3.2. Tipologia de Thomas e Chess
 - 3.3.3. Tipologia de Buss e Plomin
 - 3.3.4. Modelo psicológico de temperamento e caráter

Capítulo 2 - Instrumentos de Medida do Temperamento

1. Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)
2. Keirsey-Nates Temperament Sorter (KBTS)
3. Guilford-Zimmerman Temperament Survey (GZTS)
4. Pleasure-Arousal-Dominance (PAD)
5. Pavlovian Temperament Survey (PTS)
6. Student Temperament Assessment Record (STAR)
7. Inventário Fatorial de Temperamento (IFT)
8. Outros Instrumentos

Capítulo 3 - Teoria da Personalidade

1. Introdução
 - 1.1. Preâmbulo
 - 1.2. O objetivo
 - 1.3. Os pressupostos
2. A Estrutura da Personalidade
 - 2.1. Os vetores da Estrutura da personalidade
 - 2.2. As combinações vetoriais da personalidade
 - 2.3. O poliedro da estrutura da personalidade
3. A Dinâmica da Personalidade
 - 3.1. A energia bio-psíquica
 - 3.2. A ativação da energia
 - 3.4. A dinâmica do comportamento
4. O Contexto da Personalidade
5. Caracterização dos Vetores e Combinações Vetoriais
 - 5.1. Caracterização dos vetores
 - 5.2. Caracterização das combinações vetoriais
 - 5.3. Quantificação dos vetores da personalidade
 - 5.4. Caracterização dos 18 tipos de personalidade
6. A Medida da Personalidade
 - 6.1. Operacionalização em cima dos vetores
 - 6.2. O perfil tipológico
 - 6.3. Operacionalização em cima dos 18 tipos
7. (Re) Interpretação de Tipos Psicológicos Clássicos
 - 7.1. A tipologia hipocrática
 - 7.2. A tipologia dos Big-Five

Bibliografia

Prefácio

Luiz Pasquali

Em 1994, Trelau e Angleitner anotavam um interesse crescente com respeito ao tema do temperamento na última década. Isso pode ser desde a década de 50 e a de 90 inclusive. A temática sobre o temperamento vem substituindo o interesse que mais antigamente havia com respeito ao tema da personalidade, tema este que parece quase ter desaparecido na literatura e pesquisa psicológica. A razão de tal ocorrência talvez se deva ao fato de que o termo personalidade assume conotações tão amplas que, no final das contas, não chega mais a significar coisa alguma, sendo, por isso, substituído pelo termo temperamento, que parece mais restrito, concreto e útil. Contudo, com o aumento do interesse na temática do temperamento, esse veio a ser concebido tão confusamente quanto a tem sido o de personalidade, pois os autores entendem temperamento desde substituto de personalidade até reações puramente emocionais. Os interesses no tema vão desde a preocupação com o avançar a teoria psicológica até interesses financeiros, sobretudo no uso que se faz do temperamento na situação organizacional, onde, com a elaboração de instrumentos de medida do mesmo, os autores conseguem grande número de consultorias nas organizações a custos de ouro.

A grande quantidade de publicações e instrumentos que vem aparecendo sobre o temperamento vem acompanhada por uma plethora de concepções sobre o mesmo, tornando a teoria sobre o mesmo uma colcha de retalhos. Isto porque os autores, com interesses e conceitos diferentes, trabalham o temperamento dentro de sua visão restrita, muitas vezes ditada por interesses mais imediatos e até comerciais, como ocorre na área da psicologia organizacional. A abundância de trabalhos sobre o temperamento é bem-vinda, mas infelizmente ela vem muito desentrosada do ponto de vista da teoria psicológica.

A preocupação do presente trabalho consiste precisamente em procurar pôr alguma ordem em todos esses trabalhos sobre o temperamento, procurando desenvolver um arcabouço teórico onde todos eles possam se situar e ver o nicho em que caem, evitando, assim, que cada modo de conceber o temperamento assuma o direito de ser a teoria psicológica da personalidade humana.

O livro aborda inicialmente uma discussão sobre o conceito e a história do temperamento (capítulo 1), sendo em seguida apresentada uma série de instrumentos existentes hoje no mercado para avaliar esse construto (capítulo 2). No capítulo 3 será desenvolvida uma visão de temperamento, que pretende ser a teoria psicológica da personalidade humana, apresentada numa forma formal e axiomatizada, onde qualquer concepção presente na literatura pode ser enquadrada. O livro tem como intenção procurar iniciar a convergência dos temas, da taxionomia e da linguagem sobre personalidade e temperamento entre os pesquisadores, objetivando um esforço somativo da pesquisa psicológica nessa área. Ele tem, também, como segunda intenção iniciar uma diatribe na área entre os pesquisadores, sobretudo em nível nacional, provocando maior interesse e, quiçá, avanços da teoria psicológica.

1. Conceito de Temperamento (personalidade)

Luiz Pasquali

1. Introdução

Este capítulo deveria tratar de conceituar personalidade. Contudo, esta expressão “personalidade” é tão ampla em seu significado ou, melhor, tão vaga, que praticamente cada psicólogo a entende do seu modo, como, aliás, já Allport (1937) nos anos 30 comentava, ao dar as 50 diferentes definições do termo. Como a intenção do presente trabalho consiste na análise de porque as pessoas são diferentes, apesar de serem todas seres humanos, me pareceu que um conceito mais concreto pudesse melhor orientar a empreitada. Assim, escolhi o conceito de temperamento, que, apesar de apresentar diferentes opiniões entre os pesquisadores sobre seu significado, ele parece menos ambíguo que o de personalidade; ele, aliás, é entendido por alguns autores (Eysenck, Gray) como sinônimo de personalidade, com o qual a presente exposição está também de acordo, como veremos. De fato, o temperamento tem sido considerado um sinônimo de diferenças individuais no comportamento dos seres humanos. Esta linha de pensamento é defendida sobretudo por pesquisadores na área da psicologia do desenvolvimento, liderados por Chess e Thomas (1986).

De qualquer forma, a palavra temperamento vem do latim “temperare” que significa “equilíbrio”. Esta noção está ligada à teoria dos humores de Empédocles e de Hipócrates, onde se defende que a saúde do ser humano depende de um equilíbrio entre os elementos que compõem este mesmo ser, como veremos ao expor esta teoria.

{©Em Psicologia, temperamento é mais comumente entendido como se referindo ao aspecto da personalidade que diz respeito às disposições e reações emocionais, bem como de sua rapidez e intensidade. Este conceito mais psicológico de temperamento está ligado a psicólogos como Jung, psicanalista, e Klages no seu tratado sobre caracterologia (1929). Hoje em dia, a Psicologia dá maior ênfase, na reação emocional, à atividade do sistema nervoso autônomo, particularmente a ramo simpático. Esta aceção restritiva de temperamento em termos de reações emocionais não parece ser necessária e, quiçá, nem legítima, como veremos em capítulos posteriores, pois o temperamento pode ser entendido como um sinônimo de personalidade. Historicamente, porém, a ênfase no temperamento tem sido sobre os aspectos emocionais da personalidade. Para ser honesto, o conceito de temperamento é ainda uma destas expressões que pode significar coisas diferentes para diferentes psicólogos. Isto se tornou evidente numa mesa-redonda de psicólogos norte-americanos (Goldsmith, Buss, Plomin, Rothbart, Thomas, Chess, Hinde, & McCall, 1987). Apesar das divergências, estes pesquisadores chegaram às seguintes conclusões (Barclay, 1991): 1) o construto temperamento é útil apesar de ser praticamente inviável definir precisamente como ele interage com influências do meio ambiente; 2) temperamento inclui elementos de *energia*: atividade, intensidade, vigor e ritmo de movimento tanto na fala quanto no pensamento; de *reatividade*: aproximação e afastamento de estímulos; *emocionalidade* e *sociabilidade*; 3) a origem do temperamento deve ser procurada em disposições biológicas; 4) as manifestações do temperamento são mais estáveis durante a vida de um indivíduo do que qualquer outro aspecto da personalidade.

Na história do conhecimento humano, as diferenças individuais devidas ao temperamento do sujeito têm sido atribuídas aos fatores mais diversos por autores de povos tão diversos como gregos, persas, hindus, árabes, entre outros, os quais, cada um a seu tempo, contribuíram para a estruturação da teoria do temperamento como a conhecemos hoje. A literatura aponta para um interesse cíclico no que se refere aos estudos sobre o temperamento, na medida em que as teorias da personalidade apontam para a interrelação existente entre variáveis ambientais, comportamento e características pessoais. As teorias estruturadas mais recentemente, via de regra, estão preocupadas com a classificação e tipificação do temperamento a partir de seus resultados observáveis, a saber, o comportamento.

Uma análise do material elaborado nos últimos anos aponta para a existência de diversas teorias e instrumentos

que se propõem a analisar este construto, sendo que o interesse de tais trabalhos pode ser verificado desde a idade antiga, através dos trabalhos de Empédocles, Hipócrates e Galeno, versando sobre como se comportam os indivíduos e como compreender tais comportamentos. Mais recentemente, a contribuição de Jung se afasta da estrutura hipocrática, propondo uma classificação que se aproxima de um modelo psicológico mais moderno. É preciso, contudo, que se tenha em mente que a preocupação principal do estudo do temperamento, ou seja, o interesse na individualidade humana, está bastante longe de ser compreendido, dado que as teorias existentes estão longe de fornecer uma explicação integral sobre o tema (Claridge, 1985). De fato, ciclicamente o tema temperamento entra em voga entre psicólogos e outros pesquisadores afins. E cada vez que ele surge, assume características um tanto diferentes, de sorte que, fazendo um inventário histórico sobre este conceito, nos leva a concepções muito distintas. Hoje em dia, por exemplo, parece que temperamento veio integrado dentro de um contexto da psicologia das organizações, pois é no campo da psicologia organizacional que o tema e instrumentos de medida do temperamento vêm sendo mais utilizados, além da linha da psicologia da criança liderada por Chess e Thomas (1989). De sorte que a advertência acima de Claridge faz muito sentido, embora se possa admitir que temperamento tende a ser concebido dentro de uma temática de tipologias, isto é, de classificar os sujeitos em termos de tipos em função de certas características da personalidade e até de aptidões e mesmo de comportamento. Diante desta babel, vamos inicialmente dar um pequeno apanhado histórico do tema temperamento, para em seguida tentar uma estruturação teórica do mesmo construto.

2. História do Temperamento

A idéia de que os seres humanos caem dentro de classes ou tipos tem estado presente desde os tempos mais antigos entre os pesquisadores da personalidade humana. Contudo, ela não tem tido um desenvolvimento linear, mas apresenta uma evolução cíclica, na qual se observam épocas onde o interesse em tais tipologias aparece intenso e outras em que ele praticamente desaparece. Inclusive, cada novo surto de interesse neste tema parece surgir com basamento diferente resultando em teorias muito distintas, entre as quais sobressaem as teorias humorais, as teorias fisiológicas ou morfológicas e as teorias psicológicas, como veremos mais adiante. Na verdade, há teorias ou fantasias demais sobre como conceber a estrutura e a dinâmica do temperamento. Strelau (1999?) menciona uma carrada delas ou, melhor, uma miríade de traços que constituiriam o temperamento, tais como:

- Adaptabilidade (Thomas & Chess – NYLSQ)
- Aflição, sofrimento (Buss & Plomin – EASTS)
- Amizade (Guilford & Zimmerman – GZTS)
- Aproximação – afastamento (Windle & Lerner – DOTS-R Adult; Wilson, Barrett, & Gray - GWPQ)
- Ascendência (Guilford & Zimmerman –GZTS)
- Atividade (Buss & Plomin – EASTS; Thomas & Chess – NYLSQ; Thurstone – TTS)
- Atividade geral (Guilford & Zimmerman – GZTS; Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Atividade: nível de sono (Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Aventura (Sysenck, Pearson, Easting, & Allsopp – I7 Questionnaire)
- Campo (*span*) de atenção (Thomas & Chess – NYLSQ)
- Colérico (Cruise, Blitchington, & Futch – TI)
- Contimento (Guilford & Zimmerman – GZTS)
- Crivagem de estímulo (Mehrabian – SSQ)
- Desinibição (Zuckerman – SSS IV e V)
- Distratibilidade (Thomas & Chess – NYLSQ; Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Dominância (Mehrabian – MTS; Thurstone – TTS)
- Emocionalidade (Feij – ATL)
- Emocionalidade social (Rusalov – STQ)
- Empatia (Eysenck, Pearson, Easting, & Allsopp – I7 Questionnaire)
- Equilíbrio dos processos nervosos (Strelau –STI; Strelau, Angleitner, Bantelmann, & Ruch – STI-R)
- Ergonicidade (Rusalov – STQ)
- Ergonicidade social (Rusalov – STQ)
- Esquiva ativa (Wilson, Barrett, & Gray – GWPQ)¹
- Esquiva passiva (Wilson, Barret, & Gray – GWPQ)
- Estabilidade (Marke & Nyman – MNT)
- Estabilidade emocional (Guilford & Zimmerman – GZTS; Thurstone – TTS)

¹ Veja no capítulo 2 as explicações sobre essas siglas, que representam diferentes instrumentos de medida do temperamento

- Excitação: trait-arousal (Mehrabian – SSQ, MTS)
- Extinção (Wilson, Barrett, & Gray – GWPQ)
- Extroversão (Eysenck & Eysenck - EPI, EPQ; Feij – ATL)
- Fleumático (Cruise, Blitchington, & Futchter – TI)
- Flexibilidade – rigidez (Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Força de excitação (Strelau – STI; Strelau, Angleitner, Bantelmann, & Ruch – STI-R)
- Fuga (Wilson, Barrett, & Gray – GWPQ)
- Humor (Thomas & Chess – NYLSQ; Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Impulsividade (Barrat – BISS-10; Eysenck, Pearson, Easting, & Allsopp – I7 Questionnaire; Feij – ATL; Thurstone - TTS)
- Impulsividade cognitiva (Barrat – BIS-10)
- Impulsividade motora (Barrat – BIS-10)
- Impulsividade não-planejada (Barrat – BIS-10)
- Intensidade (Thomas & Chess – NYLSQ)
- Intensidade do afeto (Larsen & Diener – AIM)
- Irritabilidade ((Caprara, Cinanni, D’Imperio, Passerini, Renzi, & Travaglia – IESS)
- Limiar sensorial (Thomas & Chess – NYLSQ)
- Luta (Wilson, Barrett, & Gray – GWPQ)
- Masculinidade (Guilford & Zimmerman – GZTS)
- Medo (Buss & Plomin – EASTS)
- Melancólico (Cruise, Blitchington, & Futchter – TI)
- Mobilidade (Gorynska & Strelau – TTI)
- Mobilidade dos processos nervosos (Strelau – STI; Strelau, Angleitner, Bantelmann, & Ruch – STI-R)
- Neuroticismo (Eysenck & Eysenck – EPI, EPQ)
- Objetividade (Guilford & Zimmerman – GZTS)
- Pensativo (Guilford & Zimmerman – GZTS)
- Persistência (Gorynska & Strelau – TTI; Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Plasticidade (Rusalov – QST)
- Plasticidade social (Rusalov – STQ)
- Prazer (Mehrabian – MTS)
- Procura de excitação e aventura (Zuckerman – SSS IV e V)
- Procura de sensação (Zuckerman – SSS IV e V)
- Psicotismo (Eysenck & Eysenck – EPQ)
- Raiva (Buss & Plomin – EASTS)
- Rapidez (Gorynska & Strelau – TTI)
- Reatividade (Kohn – RS)
- Recorrência (Gorynska & Strelau – TTI)
- Reduzindo – aumentando (Vando – RAS)
- Refletivo (Thurstone – TTS)
- Regularidade (Gorynska & Strelau – TTI)
- Relações pessoais (Guilford & Zimmerman – GZTS)
- Ritmicidade (Thomas & Chess – NYLSQ)
- Ritmicidade: comer (Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Ritmicidade: hábitos diários (Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Ritmicidade: sono (Windle & Lerner – DOTS-R Adult)
- Sangüíneo (Cruise, Blitchington, & Futchter – TI)
- Sociabilidade (Buss & Plomin – EASTS; Guilford & Zimmerman – GZTS; Thurstone – TTS)
- Solidez (Marke & Nyman – MNT)
- Susceptibilidade ao aborrecimento (Zuckerman – SSS IV e V)
- Susceptibilidade emocional (Caprara, Cinanni, D’Imperio, Passerini, Renzi, & Travaglia – IESS)
- Tempo (Gorynska & Strelau – TTI; Rusalov – STQ)
- Tempo social (Rusalov – STQ)
- Validade (Marke & Nyman – MNT)
- Vigor (Thurstone – TTS).

Allport (1937: p. 84), citando apenas três autores (Thomas Reid, Dugald Stewart, Franz Joseph Gall), também já apresentava uma série sem fim de traços (chamava de faculdades) que os teóricos do temperamento ou caracterologia diziam avaliar.

Enfim, é uma legião de traços que definiriam o temperamento e que aparecem dentro de contextos teóricos sem muita congruência, na maioria das vezes. Vamos, por isso, atentar melhor para algumas teorias do temperamento, que parecem se apresentar mais estruturadas, deixando para o capítulo 3 uma estruturação que cremos ser mais completa e axiomatizada.

De qualquer forma, o estudo do temperamento começou a ser abordado, pelo que se tem registro, pelo filósofo grego Empédocles e seu conterrâneo o médico Hipócrates, seguidos mais tarde pelo greco-romano Galeno, dentro do que ficou sendo conhecida como a teoria dos humores. Outras tendências de definir temperamento se baseiam no formato do corpo, tendência iniciada por Kretschmer e atualizada por Sheldon, nas teorias ditas morfológicas. Finalmente, temos enfoques do temperamento baseados mais em construtos psicológicos, dentre os quais podemos salientar a teoria de Jung e as tipologias mais modernas particularmente em voga em psicologia organizacional e da criança. Vamos detalhar um pouco algumas destas teorias.

3. Teorias do Temperamento

3.1. Teoria dos humores

A teoria dos humores está ligada à tradição filosófica do número 4 de Pitágoras (572-497 a.C. - Samos)² e da teoria cosmológica dos quatro elementos de Empédocles de Acragas (490-430 AC). Este filósofo sugere que toda a substância é composta de 4 elementos, a saber, ar, terra, fogo e água. Aristóteles (384 AC), além de concordar com os quatro elementos, acrescentou que eles possuem propriedades básicas, a saber, ao fogo estão associadas a secura e o calor, ao ar o calor e a umidade, à água a umidade e o frio, à terra o frio e a secura. O médico Hipócrates (460-377 AC) relacionou esta teoria cósmica à saúde das pessoas, criando a teoria dos humores ou dos temperamentos. Dizia ele que 4 humores físicos, isto é, sangue, bílis preta (atrabilis), bílis amarela (bilis), fleuma (linfa), estavam respectivamente ligados a 4 temperamentos da personalidade, a saber: temperamento *sanguíneo* de reações rápidas e débeis; temperamento *melancólico*, nervoso ou atrabilioso de reações lentas e intensas; temperamento *colérico* ou bilioso de reações rápidas e intensas, e temperamento *fleumático* ou linfático de reações fracas e lentas. A teoria, portanto, afirma que a química do corpo determina o tipo de temperamento. Esta teoria, depois difundida pelo greco-romano Galeno de Pérgamo (129-199 AD), perdurou por mais de 2.500 anos. Ela defendia que uma boa saúde dependia de um equilíbrio, de uma boa dosagem (*temperare*, dizia Galeno, donde surgiu a expressão temperamento) dos quatro humores corporais; o excesso de um dos humores provocava doenças no corpo e traços exagerados de personalidade. A biologia moderna substituiu estes conceitos arcaicos da química do corpo por conceitos mais complexos, tais como, hormônios, neuro-transmissores e outras substâncias do sistema nervoso (como, endorfinas, etc.). Foi, aliás, o avanço nos conhecimentos biológicos que determinou a morte destas teorias dos humores, embora pesquisas de Pavlov (1954) e seguidores (Teplow e outros nos anos 1950, veja Cole & Maltzman, 1969) lhes tenham dado algum ânimo, mas sem maior impacto no mundo ocidental; contudo, parte da terminologia dessas teorias ainda perdura hoje em dia entre pesquisadores do tema caracterologia, tais como Heymans (1857-1930), Wiersma, Le Senne (1963), Berger (1963), o *Temperament and Character Test* (Institut Pédagogique Saint-Georges, Montreal, Canadá, 1952) e mesmo em tipologias modernas, como a de Keirsey e Bates (1984), o *Temperament Inventory* de Cruise, Blitchington e Futcher (1980).

3.2. Teorias morfológicas

Estas teorias têm relação com as teorias bioquímicas, mas acentuam mais os aspectos morfológicos do corpo (tipos corporais). O psiquiatra alemão Kretschmer (1921) iniciou este modo de pensar sobre os temperamentos. De suas observações clínicas ele relacionou que o formato do corpo está associado à personalidade das pessoas, assim que um físico delgado e delicado está associado à introversão, enquanto um físico rotundo, pesado e curto está associado ao caráter ciclotímico, isto é, temperamental, extrovertido e jovial. Este autor chegou a explicitar três tipos distintos de temperamentos, os quais correspondiam a certos tipos orgânicos característicos, conforme detalha a tabela 1-1.

² A filosofia pitagórica defendia o número como sendo a essência do universo, sendo o número 4 a expressão máxima do ser.

Tabela 1-1. Relação entre tipo físico e tipo de personalidade segundo Kretschmer

| | | | |
|----------------------|--|---|---------------------------------------|
| <i>Tipo Físico:</i> | Pícnico Gordo, arredondado | Leptossômico Alto, esguio | Atlético Robusto, muscular |
| <i>Temperamento:</i> | Ciclotímico Diastésico: tristeza e alegria. • Alegre: jovial, loquaz, otimista, • Deprimido: afável, tranqüilo, silencioso | Esquizotímico Psico-estésico: sensibilidade e frieza. Idealista, reformador | Ixotímico Tenaz e explosivo |

O psicólogo norte-americano Sheldon (1942) e seus colaboradores (Sheldon et al., 1954) levou este pensamento de Kretschmer a uma grande sofisticação sobre as variedades do temperamento, embora sua teoria não tenha tido grande sucesso entre os psicólogos. Estes autores também relacionavam diretamente a forma física do corpo com tipos específicos de temperamentos. Veja na tabela 1-2 este relacionamento

Tabela 1-2. Relação entre tipo físico e tipo de personalidade segundo Sheldon

| | | | |
|----------------------|--|--|--|
| <i>Tipo Físico:</i> | Endomorfo macio, redondo | Mesomorfo forte, muscular, atlético | Ectomorfo delgado, frágil |
| <i>Temperamento:</i> | Viscerotônico: gosto pelo conforto sentimental hedonista sociável | Somatotônico: ativo energético orientado ao desempenho agressivo | Cerebrotônico: sensitivo delicado intelectual religioso retraído |

3.3. Teorias psicológicas (tipologias psicológicas)

A temática tipológica explodiu entre os psicólogos nos meados deste século, particularmente na Holanda (Heymans e Wiersma com publicações na revista *Zeitschrift für Angewandte Psychologie*), Alemanha (Spranger que publicou, já em 1914, o *Lebensformen* e Klages, 1929) e sobretudo na França (Binet, 1922; Gilliland, 1939; Le Senne, 1963; Berger, 1963; Le Gall, 1964). Contudo, entre as tipologias psicológicas, foi a do psiquiatra Jung (1967) que maior reconhecimento teve até o presente entre os psicólogos. Pesquisas, talvez mais empíricas, nesta área do temperamento começaram a ser mais e mais desenvolvidas baseadas em duas tendências: a) os estudos longitudinais iniciados nos finais de 1950 por Thomas, Chess e colaboradores (Plomin, 1986; Chess & Thomas, 1986) e b) os estudos de caráter pavloviano dos russos Teplov em Moscou e de Merlin em Perm, também nos meados de 1950.

Pelo impacto que produziram sobre a pesquisa e a utilização do temperamento em Psicologia, detalharemos algumas destas tendências a seguir.

3.3.1. Tipologia de Jung

Nesta área do temperamento, as duas dimensões psicológicas elaboradas por Jung (1967, 1974) ainda parecem ser de grande utilidade em Psicologia, a dimensão dos tipos e a dimensão das funções. Este autor desenvolveu toda uma hierarquia de tipos (Jung, 1967), mas é sobretudo sua distinção nos dois famosos tipos Extroversão e Introversão que fez e faz carreira, distinção que inclusive parece um ganho definitivo em Psicologia. A outra distinção entre quatro funções (veja o número mágico 4 de volta de novo!) também recebeu e está recebendo grande atenção entre os psicólogos. Estas quatro funções são: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Jung caracteriza estas dimensões psicológicas do seguinte modo:

- *Extroversão*: direcionamento da libido para o exterior; movimento positivo do sujeito para o objeto; o objeto se torna o foco de interesse ativo (o sujeito procura o objeto) e passivo (o objeto se impõe ao sujeito) do indivíduo.
- *Introversão*: direcionamento da libido para o interior; movimento negativo do sujeito com relação ao objeto; o próprio sujeito se torna o foco de interesse ativo (o sujeito procura reclusão) e negativo (o sujeito se torna incapaz de contatar o objeto) do indivíduo.

- *Pensamento* (pensar, *thinking*): representar a realidade conceitualmente (representação intelectual). Ele pode ser
 - . **ativo** (racional, consciente), chamado *intelecto* e consiste em procurar esta representação
 - . **passivo** (irracional, inconsciente), chamado *intuição intelectual* e consiste em que a representação se impõe até contra a vontade do sujeito.
- *Sentimento* (sentir, *feeling*): reagir diante da realidade como um valor, implicando aceitação ou rejeição. Ele também pode ser ativo, enquanto procura valorizar a realidade ou passivo, enquanto esta se impõe como valor positivo ou negativo. O sentimento com reações orgânicas se chama de afeto.
- *Sensação* (percepção via sentidos, *sensing*): perceber sensorialmente a realidade (externa e interna). É a representação sensorial da realidade; é uma função irracional.
- *Intuição* (percepção via inconsciente, *intuition*): percepção inconsciente de uma realidade global; é uma função irracional.

O apego ao dogma psicanalítico do investimento da libido fez estas distinções interessantes de Jung, particularmente no caso das funções, um tanto confusas e inadequadamente distintas. Embaralhando os conceitos de irracional com inconsciente, tornou particularmente confusas as categorias da sensação e da intuição. Se se puder liberar da armadura psicanalítica, estas distinções de Jung parecem altamente promissoras para uma tipologia dos temperamentos, como tentaremos efetuar mais adiante.

Além destes, outros psicólogos se enveredaram pelo terreno das tipologias. Entre estes, alguns tiveram pouca aceitação entre a comunidade da Psicologia, como, por exemplo, Spranger (1928) que definiu quatro valores para diferenciar os tipos humanos, a saber: religioso, teórico, econômico e artístico; Adler (Keirse & Bates, 1984) opinou que eram quatro objetivos ou elementos os diferenciadores dos tipos humanos, a saber: reconhecimento, poder, serviço e vingança. William James propôs a distinção entre *tough-minded* e *tender-minded*. Outros autores, embora baseados em teorias nem sempre satisfatórias, estão alcançando interesse e fama sobretudo por terem desenvolvido instrumentos para medir os vários tipos que eles propõem, tornando-se assim de utilidade prática, particularmente no ambiente organizacional. Estes autores serão expostos no capítulo 2.

Do ponto de vista da teoria do temperamento, duas duplas de pesquisadores talvez merecem especial atenção na área. São elas Thomas e Chess (1977) e Buss e Plomin (1975, 1984).

3.3.2. Tipologia de Thomas e Chess

Estes autores se deram ao trabalho de, durante 20 anos, observar crianças desde o berço até a escola primária. Concluíram eles que as crianças manifestam características de temperamento desde a mais tenra idade. Identificaram nove categorias de comportamento, as quais lhes permitiram elaborar três grupos básicos de temperamento. As categorias são as seguintes:

- nível de atividade
- regularidade e ritmicidade
- aproximação e esquivia
- adaptabilidade
- intensidade
- limiar sensorial
- humor
- distratibilidade
- duração de atenção.

Através de análises fatoriais, Thomas e Chess chegaram a definir alguns tipos básicos de temperamentos, a saber,

- *A Criança Fácil*: ela se caracteriza por “regularidade, respostas positivas de aproximação a estímulos novos, grande adaptabilidade à mudança e leves a moderados níveis de humor e preponderantemente positivos. Estas crianças desenvolvem rapidamente rotinas regulares de sono e alimentação, se acostumam facilmente a novos alimentos, adaptam-se bem a um nova escola, aceitam a maioria das frustrações sem grandes escândalos e aceitam sem dificuldades as regras de novos jogos”(Thomas & Chess, 1977, p. 23 - citados por Barclay, 1991). Este grupo de crianças perfazem 40% da totalidade;

- *A Criança Difícil*: este grupo é definido pelos autores (Thomas & Chess, 1977, p. 23 - citados por Barclay, 1991) como um “grupo com irregularidade em funções biológicas, respostas negativas de esquivar a novos estímulos, não-adaptabilidade ou adaptabilidade lenta a mudanças e expressões intensas de humor e freqüentemente negativas. Estas crianças mostram rotinas irregulares de sono e alimentação, lenta aceitação de novos alimentos, longos períodos para adaptação a novas rotinas, pessoas ou situações e períodos de choro relativamente freqüentes e altos. A risada também é caracteristicamente alta. Frustração produz tipicamente reações manhosas violentas”. Este grupo representa 10% da população;
- Grupo intermédio entre os dois pólos acima mencionados perfaz o restante da população (45%).

São óbvias as similaridades destes dois grupos de crianças com as concepções jungianas de extroversão e introversão. Vários outros autores se aproveitaram destas descobertas de Thomas e Chess, desenvolvendo instrumentos para avaliar os temperamentos das crianças. Entre eles, Martin (1984), cuja bateria foi aplicada a crianças por uma série de outros autores (Barclay, 1987; Pullis & Cadwell, 1982; Martin, Paget & Nagle, 1983; Martin, Drew, Gaddis, & Moseley, 1988), bem como por Burks e Rubenstein (1979) que a aplicaram a adultos. Estas pesquisas todas revelaram importantes relações entre os tipos de Thomas e Chess com problemas infantis, desempenho acadêmico, e dão forte suporte ao construto de temperamento.

3.3.3. Tipologia de Buss e Plomin

Estes autores partiram da definição de temperamento dada por Allport (1961), a qual postula quatro componentes do temperamento, a saber,

- Atividade: o total de energia utilizada
- Emocionalidade: intensidade de reação
- Sociabilidade: desejo de afiliação
- Impulsividade: responder de forma rápida ao invés de inibida.

Além disso, Buss e Plomin (1975, 1984) estabeleceram alguns critérios para discernir temperamento de outras disposições da personalidade. Estes critérios são os seguintes:

- Hereditariedade: uma teoria de temperamento deve mostrar um componente genético
- Estabilidade: o temperamento deve mostrar persistência durante a vida do sujeito, como qualquer traço geneticamente herdado, apesar das influências do meio ambiente e aprendizagem
- Adaptabilidade: todas as características de temperamento devem poder sofrer algum grau de modificação social
- Presença filogenética: se é característica de temperamento ela deve ter representação também entre os animais.

Para verificar estas suas hipóteses, Buss e Plomin desenvolveram um instrumento para a pesquisa do temperamento, o EASI - *Emotionality, Activity, Sociability, Impulsivity*. Dos estudos com o EASI em população universitária e de adultos, os autores apresentam evidências fortes para a presença dos temperamentos de emocionalidade, atividade e sociabilidade, sendo mais fraca a evidência em prol da impulsividade. Verificaram, ainda, em estudos com crianças, a existência de correlações significativamente mais fortes de temperamento entre crianças gêmeas do que entre crianças não-gêmeas, revelando o fundamento genético do temperamento.

Estes dados teóricos, empíricos e psicométricos mostram que o construto temperamento se apresenta ainda útil no contexto da teoria psicológica para descrever conglomerados de comportamentos que os indivíduos manifestam.

Aliás, o interesse no estudo do temperamento nas últimas décadas tem sido extraordinário. Bates (1986) fez um levantamento dos sumários de pesquisas que tratam do temperamento somente em crianças, realizadas entre 1967 e 1983, descobriu 162 artigos, sendo que 62% deles apareceram após 1980. Plomin (1986, p. ix), analisando os *Psychological Abstracts*, conclui “desde 1970, o número de artigos sobre temperamento tem crescido na base de 50% cada 5 anos”. Strelau (1994) fez um ilustrativo apanhado dos vários enfoques que vêm sendo perseguidos pela pesquisa no temperamento, salientando as seguintes características:

- Temperamento cobre um número enorme de traços ou dimensões, cada qual seguido de instrumentos específicos de diagnóstico (Hubert, Wachs, Peters-Martin, & Gandour, 1982; Slabach, Morrow, & Wachs);

- Os métodos psicométricos predominam nos estudos experimentais na análise do temperamento, em particular no caso de crianças (Bates, 1986; Buss & Plomin, 1984; Plomin & Dunn, 1986; Thomas & Chess, 1977; Goldsmith & Rothbart);
- Muitos estudos procuram na biogénica a origem das diferenças individuais no temperamento (Goldsmith, in press; Matheny & Dolan, 1980; Plomin, 1982; Ravich-Shcherbo, 1988; Torgersen, 1985);
- Procura de mecanismos fisiológicos (psicofisiológicos, eletrofisiológicos, neuropsicológicos, bioquímicos) na base do temperamento, em especial no estudo do nível de estimulação (arousal) (Gray, 1982; Schalling, Edman, & Asberg, 1983; Simonov, 1987; Zuckerman, 1979);
- Os estudos do temperamento cobrem todas as idades, havendo tendência de um enfoque de estudos longitudinais sobre a extensão toda de uma vida (Lerner & Lerner, 1983; Plomin, Pedersen, McClearn, Nesselroade, & Bergeman, 1988; Thomas & Chess, 1977);
- Procura de constâncias nas características do temperamento, em especial no desenvolvimento infantil (Giuganino & Hindley, 1982; Hagekuell, 1989; Matheny, 1983; Plomin & Dunn, 1986; Rothbart, 1986);
- Estudos da função reguladora do temperamento com enfoque contextual e interacionista (Carey, 1985; Eliaz, 1981, 1985; Klonowicz, 1987; Rothbart & Posner, 1985; Strelau, 1983ab; Thomas & Chess, 1977; Rothbart and Van Heck)
- Função adaptativa do temperamento, em especial na família, escola e trabalho, e sua relação com distúrbios de desenvolvimento e de comportamento (Burks & Rubenstein, 1979; Carey & McDevitt, 1989; Chess & Thomas, 1984, 1986; Eliaz & Wrzesniewski, 1986; Klonowicz, 1985, 1987; Strelau, 1983, 1987, 1988; Talwar, Nitz, Lerner, & Lerner, 1982);
- Enfoque interdisciplinar na pesquisa do temperamento, em especial entre psicólogos, psicofisiólogos, neuropsicólogos, geneticistas do comportamento, psiquiatras, pediatras e pedagogos (Carey & McDevitt, 1989; Kohnstamm, Bates, & Rothbart, 1989; Plomin & Dunn, 1986; Strelau, Farley, & Gale, 1985, 1986).

3.3.4. Modelo psicobiológico de temperamento e carácter

Elaborando um modelo tridimensional da personalidade, desenvolvido em 1991, Cloninger, Svrakic e Przybeck (1998) descrevem um modelo de personalidade baseado em sete dimensões, sendo quatro de temperamento (com base mais biológica) e três de carácter (com base mais psicológica). Estas dimensões com suas sub-dimensões são as seguintes:

Temperamento:

- *Procura de novidade (novelty seeking)*: fator hereditário que ativa ou inicia comportamentos e se manifesta como
 - Excitação exploratória vs. Rigidez (*exploratory excitability* vs. *Reigidity*)
 - Impulsividade vs. Reflexão (*impulsiveness* vs. *Reflection*)
 - Extravagância vs. Reserva (*extravagance* vs. *Reserve*)
 - Desordem vs. Regimentação (*disorderliness* vs. *Regimentation*)
- *Fuga de injúria (harm avoidance)*: fator hereditário que inibe ou cessa comportamentos e se manifesta como
 - Preocupação antecipatória vs. Optimismo (*anticipatory worry* vs. *Optimism*)
 - Medo da incerteza vs. Confiança (*fear of uncertainty* vs. *Confidence*)
 - Timidez vs. Gregariedade (*shyness* vs. *Gregariousness*)
 - Fatigabilidade e astenia vs. Vigor (*fatigability and asthenia* vs. *Vigor*)

- *Dependência em reforço (reward dependence)*: fator hereditário que mantém ou continua *comportamentos* em andamento e se manifesta como
 - Sentimentalidade vs. Insensitividade (sentimentality vs. Insensitivity)
 - Apego vs. Desapego (attachment vs. Detachment)
 - Dependência vs. Independência (dependence vs. Independence)
- *Persistência (persistence)*: fator hereditário que continua comportamentos apesar de frustração e fadiga e se manifesta em
 - Persistência vs. Indecisão (persistence vs. Irresoluteness)

Caráter:

- Auto-orientação (self-directedness)
 - Responsabilidade vs. Acusação (responsibility vs. Blaming)
 - Objetividade vs. Desorientação (purposeful vs. Goal undirected)
 - Competência vs. Apatia (resourcefulness vs. Apathy)
 - Auto-aceitação vs. Auto-procura (self-acceptance vs. Self-striving)
 - Segunda natureza congruente
- Cooperação (cooperativeness)
 - Aceitação social vs. Intolerância (social acceptance vs. Intolerance)
 - Empatia vs. Desinteresse (empathy vs. Disinterest)
 - Ajuda vs. Indiferença (helpfulness vs. Unhelpfulness)
 - compaixão vs. Vingança (compassion vs. Revengefulness)
 - Coração puro vs. Egoísmo (pure hearted vs. Self-serving)
- *Auto-transcendência (self-transcendence)*
 - Auto-esquecimento vs. Auto-consciência (self-forgetting vs. self-conscious)
 - Identificação transpessoal (transpersonal identification)
 - Aceitação espiritual vs. Materialismo (spiritual acceptance vs. Materialism)

Estes são alguns dos muitos autores que estão escrevendo sobre o temperamento. A literatura é vasta e há muito pouca integração entre todos estes autores e não parece proveitoso apresentá-los todos neste capítulo.

2. Instrumentos de Medida do Temperamento

Luiz Pasquali

Há no mercado brasileiro poucos instrumentos para a mensuração do temperamento. Em nível mundial, entretanto, eles já são dezenas e estão aumentando em número, mas grande parte deles sendo reelaborações de alguns clássicos, como o MBTI. A seguir detalharemos alguns destes instrumentos, sendo os demais elencados no final do capítulo.

1. Myers-Briggs Type Indicator (MBTI).

Este instrumento se fundamenta na teoria do temperamento proposta por Jung e foi elaborado por Briggs-Myers e Myers (1942). O MBTI se apresenta numa série de formas diferentes; numa delas ele mede até 16 tipos que resultam da combinação de 4 polaridades. As quatro polaridades são

- 1) - *Extroversão* (*extroversion* - **E**) vs. *introversão* (*introversion* - **I**): orientação da energia para fora (mundo exterior, das pessoas, das coisas ou atividades) ou para dentro (mundo psicológico, das idéias, emoções ou impressões)
- 2) - *Sensação* (*sensing* - **S**) vs. *intuição* (*intuition* - **N**): preferência por adquirir a informação através dos sentidos ou através do “sexto sentido” (percepção inconsciente, segundo Jung)
- 3) - *Pensamento* (*thinking* - **T**) vs. *sentimento* (*feeling* - **F**): preferência por organizar e estruturar a informação em termos lógicos ou em termos de valores, isto é, tomar decisões ou em termos da lógica ou dos valores
- 4) - *Julgamento* (*judgement* - **J**) vs. *percepção* (*perception* - **P**): preferência por um estilo de vida planejado, organizado ou por uma vida espontânea, flexível.

Combinando estas quatro polaridades, temos os 16 tipos de temperamento:

- 1 - ENFJ: *pedagogue*, líder de grupos (5% da população)
- 2 - INFJ: *author*, desejo e prazer em ajudar os outros (1% da população)
- 3 - ENFP: *journalist*, percepção aguda da motivação dos outros; a vida é um drama (5% da população)
- 4 - INFP: *questor*, capacidade para cuidar, calmo e pacífico diante do mundo, altos padrões e sentimentos de honra (1% da população)
- 5 - ENTJ: *field marshall*, liderar, procura posição de responsabilidade e gosta de ser um executivo (5% da população)
- 6 - INTJ: *scientist*, auto-confiante e pragmático, toma decisões com facilidade, criador de sistemas e aplicador de modelos teóricos (1% da população)
- 7 - ENTP: *inventor*, interesse por tudo, sensível a todas as possibilidades, não-conformista e inovador (5% da população)
- 8 - INTP: *architect*, precisão no pensamento e linguagem, percebe facilmente contradições e inconsistências, o mundo existe primariamente para ser compreendido (1% da população)
- 9 - ESTJ: *administrator*, contato forte com o meio ambiente externo, muito responsável, baluarte de força (13% da população)
- 10 - ISTJ: *trustee*, decidido em questões práticas, guardião de instituições históricas, confiável (6% da população)
- 11 - ESFJ: *seller*, o mais sociável de todos os tipos, fomentador da harmonia, anfitrião exímio (13% da população)
- 12 - ISFJ: *conservator*, estar a serviço das necessidades dos outros, fiel (6% da população)
- 13 - ESTP: *promotor*, ativo, sua presença faz as coisas acontecerem, competitivo feroz, empreendedor, gosta de causar sensação, negociador (13% da população)
- 14 - ISTP: *entertainer*, irradia calor e otimismo, senso de humor, charmoso, esperto, é um prazer estar com ele (13% da população)
- 15 - ESFP: *artisan*, ação impulsiva, a ação é fim em si mesma, corajoso, adora excitação, domina instrumentos (5% da população)
- 16 - ISFP: *artist*, gosto pelas artes finas, se expressa sobretudo pela ação ou arte, sentidos muito refinados (5% da população).

O MBTI teve e vem tendo grande sucesso entre os psicólogos, sobretudo os que trabalham em organizações. Os parâmetros psicométricos deste teste, contudo, não são empolgantes. Os índices de precisão giram em torno de 0,70 (Kline, 1993). Os estudos independentes sobre a validade do MBTI, sobretudo em comparação com outros testes da área (validade concorrente), não têm conseguido fundamentar a contento este parâmetro do teste (Mendelsohn, 1965; Sundberg, 1965; Carlyn, 1977; Coan, 1979; Stricker & Ross, 1964). Em especial, o teste necessita mostrar sua validade fatorial (Kline, 1993; von Eye, 1990), sem a qual a distinção em tipos psicológicos se torna bastante arbitrária.

2. Keirsey-Bates Temperament Sorter - KBTS

Espelhando a tipologia hipocrática, Keirsey e Bates (1984), analisando o MBTI, apresentaram sua própria versão de um teste de temperamento, que divide os sujeitos nas quatro categorias de melancólico, sanguíneo, colérico e fleumático, dando-lhes nomes diferentes e criativos. Os quatro tipos básicos podem ser desdobrados nos 16 sub-tipos do MBTI, dividindo cada um deles em quatro tipos diferenciados. Os tipos básicos são os seguintes:

SJ: Guardiães (Epimeteu “Desconfiança”- Melancólico). Focalizam-se no dever, comércio e economia. São os guardiães das tradições, defendem a hierarquia, seu mote é o dever, sendo conservadores, tradicionalistas (45% da população)

SP: Artesões (Dionísio “Vamos beber vinho”- Sanguíneo). Focalizam-se na arte, estética e ventura. Procuram a diversão, a liberdade e a espontaneidade (35% da população)

NT: Racionais (Prometeu “Previdência”- Colérico). Focalizam-se na ciência, no teórico. Lutam pela competência, o saber, a objetividade; necessitam liderar e controlar (5% da população)

NF: Idealistas (Apolo “Aspire pelo céu”- Fleumático). Focalizam-se no espiritual, na ética. Lutam pela procura de si mesmos, da paz e da harmonia. Procuram os valores, a inspiração, a relevância na vida de si e dos outros (5% da população).

O teste contém 70 itens, que aparecem com uma frase e dois complementos referentes a tipos diferentes. O sujeito deve escolher uma das duas alternativas. Os pesquisadores, em geral, consideram este teste inferior ao MBTI (Noring, 1993).

3. Guilford-Zimmerman Temperament Survey - GZTS

O GZTS foi desenvolvido por Guilford et al. (1976) e é atualmente composto de 300 itens, sendo 30 para cada uma das 10 escalas que medem, a saber,

- G - Atividade geral: energético, rápido vs. lento e deliberado
- R - Restringido: sério vs. impulsivo
- A - Ascendência: assertivo, confiante vs. submisso, hesitante
- S - Sociabilidade: amigo, falador vs. tímido, retraído
- E - Estabilidade emocional: jovial, com compostura vs. triste, excitável
- O - Objetividade: *tough-* vs. *tender-minded*
- F - Amizade: respeito pelos outros vs. hostilidade, desprezo
- T - Reflexivo: reflexão vs. interesse pelo mundo exterior
- P - Relações pessoais: tolerância pelas pessoas vs. cata-falhas (cricri)
- M - Masculinidade: duro, emocionalmente inexpressivo vs. empático, emotivo.

{©O GZTS tem se mostrado bastante preciso, o índice de consistência de suas escalas girando em torno de 0,80 ou mais. No seu livro, Guilford et al. (1976) apresentam abundante evidência da validade de construto através da análise fatorial. Mas há problemas com estas análises fatoriais; primeiramente, muitas das amostras utilizadas foram pequenas demais (Kline & Barrett, 1983) e o uso da rotação ortogonal não parece justificada. De fato, estudo feito por Cattell e Gibbons (1968) verificou que os fatores ortogonais do GZTS não apareceram, mas eles se alinharam ao longo dos fatores de Cattell numa solução oblíqua. Perry (1952) descobriu que os fatores do GZTS podem ser agrupados em 5 fatores mais gerais (de segunda ordem): neuroticismo, adaptação social, energia, introversão, masculinidade. Igualmente, Amelang e Borkenau (1982) descobriram, tanto no GZTS quanto nos sistemas de Cattell e também de Eysenck a presença dos 5 grandes fatores (*the big five traits*). Isto tudo quer dizer que os fatores do GZTS não se apresentam suficientemente claros para constituírem uma teoria ou explicação da personalidade.

4. Pleasure-Arousal-Dominance - PAD

Mehrabian em 1978 desenvolveu um instrumento para medir o temperamento, o *Trait Pleasure Scale*, mais tarde atualizada no *Trait Pleasure-Displeasure Scale* - TPDS (1994) com 22 itens. Mehrabian (1980, 1991, 1995, 1996) baseia seu instrumento numa teoria que comporta três dimensões praticamente independentes, definidas como segue:

- Prazer - Desprazer (*Pleasure-Displeasure* - P+ vs. P-): estados emocionais positivos vs. negativos;
- Excitação - Não Excitação (*Arousal-Nonarousal* - A+ vs. A-): vivacidade (*alertness*) física vs. vivacidade mental;
- Dominância - Submissão (*Dominance-Submissiveness* - D+ vs. D-): controle vs. falta de controle.

Da combinação destas três polaridades, Mehrabian (1987, 1991, 1995, 1996) e Mehrabian e O'Reilly (1980) definiram oito temperamentos, a saber,

- Exuberante (+P+A+D) vs. Aborrecido (-P-A-D), o exuberante sendo extrovertido, procura excitação, exibicionista, protetor e afiliativo
- Dependente (+P+A-D) vs. Desprezador (-P-A+D), sendo o dependente agradável, excitável e submisso
- Relaxado (+P-A+D) vs. Ansioso (-P+A-D), sendo o ansioso neurótico, excitável e submisso
- Dócil (+P-A-D) vs. Hostil (-P+A+D), o agressivo sendo desagradável, excitável e dominante.

Este instrumento é de uso mais para pesquisa. Mehrabian (1995) apresenta alguns dados de validade para seu instrumento, quais sejam: o TPDS correlaciona positivamente com afiliação, extroversão, afago, receber apoio, empatia, sensualidade e desempenho (Mehrabian & O'Reilly, 1980) e negativamente com desajustamento, isto é, neuroticismo, defensividade, agressividade (Mehrabian, 195, 1996; Mehrabian & O'Reilly, 1980) e depressão (Mehrabian, 1995, 1996; Mehrabian & Bernath, 1991).

O TPDS é pouco conhecido e sua demonstração de validade é ainda bastante limitada. A teoria em que se baseia é muito peculiar, baseada mais em idiosincrasias do autor, colhida em dados esparsos da literatura sobre a personalidade, do que numa teoria racionalmente fundamentada.

5. Pavlovian Temperament Survey - PTS

O inventário, elaborado por Strelau (1991), se baseia na teoria de Pavlov (1935) sobre as propriedades do sistema nervoso, a saber, a intensidade dos processos nervosos (excitação e inibição), o equilíbrio dos mesmos e a mobilidade. Ele mede três traços: força de excitação, força de inibição e mobilidade. A força de excitação consiste na capacidade do sistema nervoso central (SNC) de suportar estimulação intensa ou duradoura sem ter que apelar para a inibição protetora. A força de inibição se refere à capacidade do SNC de manter um estado de inibição condicionada. Mobilidade consiste na habilidade de responder adequadamente às mudanças contínuas do meio ambiente.

O inventário consta de 252 itens e está sendo validado num programa transcultural sob a orientação do Prof. Angleitner da universidade de Bielefeld (Alemanha), estando no Brasil encarregada a PUCCAMP.

6. Student Temperament Assessment Record - STAR

Baseado no instrumento de Kersey e Bates (1978), Oakland (1991) desenvolveu este inventário para avaliar quatro fatores bipolares de temperamento, a saber:

- Extroversão vs. introversão
- Sensação vs. intuição (*sensing* vs. *intuitive*)
- Pensamento vs. sentimento (*thinking* vs. *feeling*)
- Julgamento vs. perceptividade (*judging* vs. *perceptive*).

O STAR é composto de 69 itens. Os itens aparecem com uma frase e dois complementos referentes a tipos diferentes. O sujeito deve escolher uma das duas alternativas.

Este instrumento foi validado no Brasil por Riello (1992) com uma amostra de 606 adolescentes e utilizando a análise fatorial.

Baseado no STAR, Eduardo de São Paulo (1999) desenvolveu uma tese de mestrado na UnB, elaborando uma nova forma deste instrumento, utilizando uma escala do tipo diferencial semântico.

7. Inventário Fatorial de Temperamento - IFT

Inspirado no STAR, Eduardo de São Paulo (1999) desenvolveu, numa tese de mestrado, um instrumento para avaliar quatro dimensões bipolares de temperamento, a saber,

- 1) Introversão vs. Extroversão: escala de 43 itens para cobrir esta dimensão definida segundo as especificações de Jung, isto é, sujeitos introvertidos pensam, sentem e agem baseados no sujeito, em suas motivações pessoais (são orientados para dentro de si mesmos), enquanto os extrovertidos pensam, sentem e agem em função do seu meio ambiente (são voltados para fora);
- 2) Prático vs. Imaginativo (sensação vs. intuição): escala de 45 itens. Os sujeitos práticos são voltados para a realidade exterior, acreditam nos fatos, na experiência própria e dos outros, vivendo no presente do dia-a-dia, enquanto os imaginativos se orientam mais por suas fantasias, intuições e percepções subjetivas, vivendo mais para o futuro;
- 3) Pensamento vs. Sentimento: escala de 46 itens. Os sujeitos orientados pelo pensamento vive de idéias, se guiam pela objetividade e pelas regras, enquanto os orientados pelo sentimento vivem mais em função de valores, sensações e emoções;
- 4) Organizado vs. Flexível (julgador vs. percebedor): escala de 41 itens. A escala avalia o modo como o indivíduo determina os acontecimentos relativos à sua vida pessoal e profissional. Os organizados planejam tudo na vida, gostam de ordem e previsibilidade, enquanto os flexíveis deixam as coisas correr, detestando planejar e prever tudo na vida.
- 5) Uma análise fatorial das escalas mostrou que elas se compõem de dois ou três fatores distintos, mas os coeficientes de fidedignidade de todos eles deixam a desejar, situando-se entre 0,55 a 0,77.
- 6) Uma vantagem deste instrumento consiste na escala de resposta utilizada: foi usada um escala de intensidade do tipo diferencial semântico com 7 pontos, em lugar de escolha forçada corrente na maioria dos instrumentos de temperamento.

8. Outros Instrumentos (Strelau, 1994):

- 1) *Adolescenten Temperament Lijst* (ATL). Feij, J.A. & Kuiper, C.D. (1984). ATL Handleiding: Adolescenten Temperament Lijst. Lisse, Holland: Swets & Zeitlinger. Avalia: extraversão, emocionalidade, impulsividade, procura de sensação (sensation-seeking).
- 2) *Affect Intensity Measure* (AIM). Larsen, R.J. & Diener, E. (1987). Affect intensity as an individual difference characteristic: A review. *Journal of Research in Personality*, 21, 1-39. Avalia: intensidade do afeto.
- 3) *Barratt Impulsiveness Scale* (BIS-10). Barrat, E.S. (1985). Impulsiveness subtraits: Arousal and information processing. In J.T. Spence & C.E. Izard (Eds.), *Motivation, emotion, and personality*. Amsterdam, Holland: North-Holland, 137-146. Avalia: impulsividade motora, impulsividade cognitiva, impulsividade non-planning.
- 4) *EAS Temperament Survey* (EASTS). Buss A.H. & Plomin, R. (1984). Temperament: Early developing personality traits. Hillsdale, NJ: Erlbaum. Avalia: sofrimento (distress), temor, raiva, atividade, sociabilidade.
- 5) *Eysenck Personality Inventory* (EPI). Eysenck, H.J. & Eysenck, S.B.G. (1968). *Manual of the Eysenck Personality Inventory*. San Diego, CA: Educational and Industrial Testing Service. Avalia: extroversão, neuroticismo.
- 6) *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ). Eysenck, H.J. & Eysenck, S.B.G. (1975). *Manual of the Eysenck Personality Questionnaire* (Junior & Adult). London: Hodder & Stoughton. Avalia: extroversão, neuroticismo, psicotismo.
- 7) *Gray-Wilson Personality Questionnaire* (GWPQ). Wilson, G.D., Barrett, P.T., & Gray, G.A. (1989). Human reactions to reward and punishment: A questionnaire examination of Gray's personality theory. *British Journal of Psychology*, 80, 509-515. Avalia: aproximação, esquivas ativa, esquivas passiva, extinção, luta, fuga.
- 8) *Gregorc Style Delineator* (GSD).
- 9) *I7 Impulsiveness Questionnaire* (I7 Questionnaire). Eysenck, S.B.G., Pearson, P.R., Easting, G., & Allsopp, J.F. (1985). Age norms for impulsiveness, venturesomeness and empathy in adults. *Personality and Individual Differences*, 6, 613-619. Avalia: impulsividade, espírito de aventura, empatia.
- 10) *Inventário Fatorial de Temperamento* (IFT). São Paulo, E. de (1999). *Construção e validação de um inventário de temperamento*. Brasília, DF: UnB, tese de mestrado.

- 11) *Irritability and Emotional Susceptibility Scales* (IESS). Caprara, G.V., Cinanni, V., D'Imperio, G., Passerini, S., Renzi, P., & Travaglia, G. (1985). Indicators of impulsive aggression: Present status of research on irritability and emotional susceptibility scales. *Personality and Individual Differences*, 6, 665-674. Avaliação: irritabilidade, susceptibilidade emocional.
- 12) *Laboratory temperament assessment Battery* (LAB-TAB); Pre- and locomotor versions. Goldsmith, H.H. & Rothbart, M.K. (1992). Eugene: University of Oregon.
- 13) *Marke-Nyman-Temperamentskala* (MNT). Baumann, U. & Angst, J. (1972). Die Marke-Nyman-Temperamentskala (MNT). *Zeitschrift fuer klinische Psychologie*, 1, 189-212. Avaliação: validade, estabilidade, solidez.
- 14) *New York Longitudinal Study Questionnaire for Early Adult Life* (NYLSQ). Thomas, A., Mittleman, M., Chess, S., Korn, S.Y., & Cohen, Y. (1982). A temperament questionnaire for early adult life. *Educational and Psychological Measurement*, 42, 593-600. Avaliação: atividade, adaptabilidade, duração de atenção, distratibilidade, humor, ritmicidade, limiar sensorial.
- 15) *Structure of Temperament Questionnaire* (STQ). Rusalov, V.M. (1989). Object-related and communicative aspects of human temperament: A new questionnaire of the structure of temperament. *Personality and Individual Differences*, 10, 817-827. Avaliação: ergonicidade, ergonicidade social, plasticidade, plasticidade social, tempo, tempo social, emocionalidade, emocionalidade social.
- 16) *The Reactivity Scale* (RS). Kohn, P.M. (1985). Sensation seeking, augmenting-reducing, and strength of the nervous system. In J.T. Spence & C.E. Izard (Eds.), *Motivation, emotion, and personality*. Amsterdam, Holland: North-Holland, 167-173. Avaliação: reatividade.
- 17) *Revised Dimensions of Temperament Survey – Adult* (DOTS-R Adult). Windle, M. & Lerner, R.M. (1986). Reassessing the dimensions of temperament individuality across life span: The Revised Dimensions of Temperament Survey (DOTS-R). *Journal of Adolescent Research*, 1, 213-230. Avaliação: nível geral de atividade, nível de atividade de sono, aproximação – evitação, flexibilidade – rigidez, ritmicidade – sono, ritmicidade – comer, ritmicidade – hábitos diários, baixa distratibilidade, persistência.
- 18) *Sensation-Seeking Scale Form IV* (SSS IV). Zuckerman, M. (1979). Sensation seeking: Beyond the optimal level of arousal. Hillsdale, NJ: Erlbaum. Avaliação: procura de sensação, susceptibilidade ao aborrecimento, desinibição, procura de experiência, procura de aventura e excitação.
- 19) *Sensation-Seeking Scale Form V* (SSS V). Zuckerman, M. (1979). Sensation seeking: Beyond the optimal level of arousal. Hillsdale, NJ: Erlbaum. Avaliação: procura de sensação, susceptibilidade ao aborrecimento, desinibição, procura de experiência, procura de aventura e excitação.
- 20) *Stimulus Screening Questionnaire* (SSQ). Mehrabian, A. (1977). A questionnaire measure of individual differences in stimulus screening and associated differences in arousability. *Environmental Psychology and Nonverbal Behavior*, 1, 89-103. Avaliação: estímulo de screening-arousability.
- 21) *Strelau Temperament Inventory* (STI). Strelau, J. (1983). *Temperament-personality-activity*. London: Academic Press. Avaliação: força de excitação, força de inibição, mobilidade de processos nervosos, equilíbrio de processos nervosos.
- 22) *Strelau Temperament Inventory – Revised* (STI-R). Strelau, J., Angleitner, A., Bantelmann, J., & Ruch, W. (1990). The Strelau Temperament Inventory – Revised (STI-R): Theoretical considerations and scale development. *European Journal of Personality*, 4, 209-235. Avaliação: força de excitação, força de inibição, mobilidade de processos nervosos, equilíbrio de processos nervosos.
- 23) *Temperament Inventory* (TI). Cruise, R.J., Blichington, W.P., & Futch, W.G.A. (1980). Temperament Inventory: An instrument to empirically verify the four-factor hypothesis. *Educational and Psychological Measurement*, 40, 943-954. Avaliação: fleumático, sanguíneo, colérico, melancólico.
- 24) *Temporal Traits Inventory* (TTI). Gorynska, E. & Strelau, J. (1979). Basic traits of the temporal characteristics of behavior and their measurement by an inventory technique. *Polish Psychological Bulletin*, 10, 199-207. Strelau, J. (1983). *Temperament-personality-activity*. London: Academic Press. Avaliação: persistência, recorrência, mobilidade, regularidade, velocidades, tempo.
- 25) *Thurstone Temperament Schedule* (TTS). Thurstone, L.L. (1953). Examiner manual for the Thurstone Temperament Schedule (2nd ed.). Chicago, IL: Science Research Associates. Avaliação: ativo, vigoroso, impulsivo, dominante, emocionalmente estável, sociável, reflexivo.
- 26) *Vando Reducing-Augmenting Scale* (RAS). Barnes, G.E. (1985). The Vando R-A Scale as a measure of stimulus reducing-augmenting. In J. Strelau, F.H. Farley, & A. Gale (Eds.), *The biological bases of personality and behavior: Theories, measurement techniques, and development* (Vol. 1, pp. 171-180). Washington, DC: Hemisphere. Avaliação: reduzindo-aumentando.

3. Teoria da Personalidade

Luiz Pasquali

Introdução

1.1. Preâmbulo

A terminologia e os conceitos emitidos durante a história sobre a questão do temperamento e da teoria da personalidade em geral dão uma sensação de uma grande babel ou, pelo menos, de uma criatividade exorbitante, como vimos em capítulos anteriores. É muito difícil ver, por detrás de todas essas posições, uma tentativa mais axiomatizada de uma teoria que leve em conta as dimensões fundamentais de um ser como o ser humano. Elas parecem mais surtos criativos de alguns autores, baseados, quiçá, em intuições momentâneas, observações clínicas mais ou menos esporádicas, achados mais ou menos fortuitos que deram certo êxito ou preconceitos filosóficos queridos da época e, até, devaneios esotéricos. No caso do temperamento, de um modo geral os conceitos emitidos por estes autores giram basicamente em torno de dois eixos: um físico, outro psicológico, se não levamos em conta o eixo “espiritual” dos esotéricos. O eixo físico segue duas linhas no estabelecimento dos tipos ou temperamentos, a saber, as tipologias baseadas nos humores (linha arcaica) ou nos hormônios (linha moderna) e as tipologias baseadas no tipo físico do corpo ou tipologias morfológicas. Ambas estas correntes deixaram de ser proeminentes na literatura científica hoje em dia e, ao que parece, estão em via de extinção, pelo menos como base primária para definir tipos psicológicos. Por outro lado, está aumentando o interesse na definição de tipos psicológicos tomando como fundamento características mais psicológicas da personalidade humana. As tentativas históricas nesta última área enveredaram por todas as direções, procurando eixos de estratificação os mais variados. Jung, por exemplo, trabalhava com vários eixos, a saber

- Movimento da energia (libido, para ele) para dentro ou para fora
- Nível racional ou irracional (isto é, inconsciente para ele)
- Função de conhecimento ou de sentimento
- Estilo de vida orientado pelo julgamento ou pela percepção.

Outros ainda introduziram mesmo conceitos filosóficos e até religiosos nesta classificação tipológica (veja, por exemplo, Klages e Adler no capítulo 1). Enfim, conforme vimos rapidamente nos capítulos 1 e 2, os autores inventam todo o tipo de classificação, apenas que aparece difícil e quase desesperador procurar ver alguma lógica mais profunda, epistemologicamente fundamentada, para sustentar tantos modos de pensar sobre a personalidade humana.

1.2. O Objetivo

{©Diante de tanta discrepância parece até uma temeridade tentar definir ou redefinir este campo do temperamento ou da personalidade. Mas vamos tentar de novo, para ver se dá para pôr alguma ordem nesta pletera de caracterizações por que passou e vem passando a teoria na área da personalidade. O objetivo primordial desta tentativa consiste em oferecer aos pesquisadores da personalidade humana um arcabouço ou contexto de referência, o mais axiomatizado possível (pelo menos formal), através do qual o estudioso da área possa se orientar e contextualizar o seu tema de interesse e pesquisa. Parece importante tal intento no sentido de incrementar a convergência das pesquisas, das temáticas e da terminologia, objetivando unir esforços e resultados para bem da teoria psicológica. A importância de um tal contexto de referência parece extremamente relevante para fundamentar e garantir um progresso mais linear, continuado e somativo da teoria e da pesquisa psicológica. Tal eixo de referência não torna teorias setoriais inúteis muito menos erradas, apenas as torna conscientes de sua regionalidade, evitando inclusive o perigo do imperialismo, isto é, de que cada teoria setorial assuma o papel da teoria psicológica pura e simplesmente, como vem ocorrendo sistematicamente na história dos sistemas em Psicologia. A utopia, “no bom sentido”, aqui defendida é finalmente a busca da teoria psicológica, superando as teorias psicológicas, de sorte que algum dia os psicólogos possam estar falando uns com os outros em linguagem e temas que não sejam ambíguos, quando não idiossincráticos.

Aliás, a teoria a ser exposta a seguir vai parecer um entrosamento de obviedades. Por serem assim, parece também que ninguém quis pô-las junto. Mas a força da teoria é precisamente entrosar tais obviedades que o saber humano criou ou descobriu sobre ele próprio. Este entrosamento de fatos sobre o ser humano visa evitar os intermináveis e frustrantes modismos que seguidamente surgem dentro da Psicologia, como os atuais Big-5, a Inteligência Emocional e outros tantos, que no final das contas tornam ridículo o papel do psicólogo no campo da ciência. Não que esses modismos estejam errados; apenas, o erro está em querer fazer desses recortes simplesmente a teoria da personalidade, sem se darem conta que são recortes; por mais legítimos e úteis que eles sejam para o conhecimento e a prática em Psicologia, são sempre recortes e seus proponentes deveriam ser capazes de se conscientizar e definir os limites de tais recortes. Os modismos surgem justamente porque falta em Psicologia um quadro de referência para a criatividade, às vezes exorbitante, dos psicólogos em sua área de pesquisa. A presente teoria quer precisamente procurar um tal quadro de referência para dar sentido a estes modismos e mostrar sua regionalidade. Agora, a teoria vai parecer pôr em evidência obviedades que o saber humano coletou sobre si mesmo na história e, por serem assim, vão de início parecer irrelevantes. Mas, vamos lá.

1.3. Os Pressupostos

O problema para procurar uma tal redefinição acima proposta é o ponto de partida. Que eixos existem, os quais possam ser considerados básicos para a descrição do comportamento humano, levando em conta a totalidade do seu ser? “A totalidade do ser humano” já nos coloca numa sinuca. Isto porque posso entender esta totalidade num sentido rigoroso e, então, todas as dimensões que o conhecimento humano, ou até além dele, tem sobre tal realidade devem entrar em jogo; ou, então, entendo por totalidade do ser humano aquelas dimensões que a ciência empírica pode conceber e estudar.

O conhecimento humano sobre este ser chamado “homem” provém de fontes muito distintas. De fato, o conhecimento denominado científico (as ciências empíricas) se interessa por este homem (biologia, química, ciências humanas e sociais em geral, obviamente a psicologia), mas também o conhecimento metafísico, isto é, a filosofia, se interessa pelo mesmo ser, assim como o conhecimento teológico (a teologia) se interessa e pretende produzir verdades sobre este mesmo ser humano. Todas estas formas de conhecimento se baseiam em métodos de produzir o conhecimento que não são uns redutíveis aos outros, além de possuírem critérios diferentes, e também irredutíveis uns aos outros, para demonstrarem a legitimidade das verdades que produzem. As ciências e a filosofia tratam do homem como, digamos, ser natural, enquanto a teologia a considera como ser sobrenatural, ou melhor, considera nele uma dimensão de caráter não-natural (= sobrenatural)¹.

Partindo da suposição razoável de que todos estes conhecimentos são legítimos, e este é o grande pressuposto no momento, surgem então de imediato, pelo menos, duas visões, talvez não contraditórias, mas muito distintas sobre este ser humano. Poderíamos chamar uma das visões de concepção do “Homo philosophicus” (a das ciências e da filosofia) e a outra do “Homo theologicus” (a da teologia).

Deste alerta já surgem dois pontos de partida para a nossa problemática do conhecimento do ser humano:

- 1) Partindo da visão do “Homo philosophicus”, verificamos que a filosofia define o ser humano como *animal racional* (ou se quiser, macaco ou primata racional), e ali já podemos talvez ter uma das dimensões necessárias a serem consideradas neste contexto. Desta consideração segue, na verdade, que o ser humano tem, pelo menos, dois níveis de ser, a saber, um físico (biológico) e outro psíquico (psicológico); do contrário, o adjetivo “racional” não significaria nada de substantivo na definição do ser humano.
- 2) Se, contudo, partirmos de uma definição mais ampla ainda, ou seja, da visão do “Homo theologicus”, deve entrar neste contexto a *dimensão espiritual*. Neste caso, além das duas dimensões acima assinaladas, esta espiritual deve ser considerada também.

Aliás, você viu na introdução deste tema, que estas três dimensões do ser humano já foram utilizadas para definir e caracterizar teorias de temperamento. O problema com essas teorias é que elas tornam uma das dimensões como a única e exclusiva, deixando as outras de fora ou em segundo plano. Por que não levar em conta as três e montar uma teoria completa, na qual as três dimensões têm seu dizer?

¹ Uma discussão mais elaborada sobre a epistemologia do saber pode ser encontrada no capítulo 1 do livro “Delineamento de pesquisa científica” (L. Pasquali, org., 2000).

Visto dentro desta problemática, o ser humano pode ser configurado como a confluência da atividade da evolução natural e da intervenção divina. Esta pode ser visualizada numa figura que associa, de baixo para cima, a evolução do primata até o homem e, de cima para baixo, a extensão da mão de Deus tocando a do homem, como ilustrado por Miguel Ângelo na Capela Sistina de Roma.

Entretanto, como a Psicologia, enquanto ciência, não possui instrumentos e metodologia para racional e utilmente trabalhar a dimensão espiritual, como cientistas devemos nos contentar com conceber o ser humano constituído simplesmente de corpo e mente. Obviamente, em existindo a dimensão espiritual, sua não inclusão torna o estudo do ser humano incompleto e, conseqüentemente, do seu comportamento também. Mas o conhecimento humano, qualquer que ele seja, deve sempre fazer recortes na realidade para poder estudá-la segundo seus métodos e possibilidades. A admissão da dimensão espiritual, pelo menos, torna a Psicologia consciente de que o conhecimento que ela produz sobre o ser humano é limitado, é um recorte. Então, vamos considerar o ser humano como composto de corpo e mente, como recorte que a Psicologia pode estudar deste ser.

2 - A Estrutura da Personalidade

2.1. Os Vetores da Estrutura da Personalidade

Visto que o sujeito humano age como uma unidade, ainda que heterogênea, de corpo-e-mente, estes dois componentes, físico e psíquico, devem estar sempre interagindo e, de algum modo, agindo conjuntamente. Mesmo assim, pode-se visualizar a possibilidade na qual alguns indivíduos agiriam mais sobre o impacto de um dos componentes, enquanto outros agiriam mais sob o outro. Dalí já surge a possibilidade de se caracterizarem os sujeitos em tipos diferenciados em termos do predomínio de um destes componentes, *físico* ou *psíquico*, no seu modo de ser e de se comportar. Por que não? Inclusive, a tipologia jungiana de *extroversão* vs. *introversão* pode ser concebida como representando esta polaridade de ser do homem, sendo a primeira a orientação para fora, para o físico, e a segunda a orientação para dentro, para o psíquico (veja a figura 3-4 e em especial a figura 3-8). De qualquer forma, a concepção filosófica caracteriza o ser humano como uma unidade composta de dois elementos heterogêneos agindo em uníssono, a saber, o físico e o psíquico.

A esta distinção do ser em físico e psíquico deve estar também associada a distinção de *inconsciente* e *consciente*. A consciência, como uma nova realidade evolutiva, emergente a partir do físico e biológico (Popper, 1977; Davies, 1983), representa o psíquico, enquanto o inconsciente representa mais o biológico, o físico. Esta distinção vem também explicitada em termos de racional e irracional; o que está adequado, apenas que ela reduz a polaridade do ser (mente-corpo) ao nível da função do conhecer, deixando de fora os aspectos do sentir e do agir, como veremos a seguir.

Como o ser humano é uma entidade una que pode ser analisada em sub-sistemas variados, uma dessas análises pode ser feita em termos da predominância dos componentes físico e psíquico em tais sistemas. Assim, um subsistema neste ser humano é constituído por aquela região onde predomina o físico e outra em que predomina o psíquico. Há, contudo, um momento em que o físico e o psíquico se equilibram formando um estágio, sistema ou esfera do ser humano em que ambos os níveis de ser atuam igualmente. Esta distinção bate com o que Freud descreve e chama de consciente, pré-consciente e inconsciente, sendo o consciente o predominantemente psíquico, o inconsciente o predominantemente físico e o pré-consciente a esfera entre os dois ou o ser misto físico-psíquico (veja figura 3-1d e figura 3-4).

Isto daria conta do *ser* do indivíduo ser humano, na visão do “homo philosophicus”.

Aqui se faz necessária pelo menos uma nota sobre a problemática da mente, isto é, da esfera psíquica do ser humano. A admissão e sobretudo a concepção de uma realidade mental no ser humano não é algo consensual e tranquilo entre os psicólogos e mesmo filósofos que estudam este ser humano. Aqui existem duas tendências que me parecem nefastas e que gostaria de comentar, porque elas vêm sempre atrapalhando a compreensão do que seja o psíquico. Poderíamos chamar estas tendências de reducionismo materialista e o essencialismo reificante. O reducionismo procura, de todos os modos, reduzir os processos psíquicos a processos biológicos. A visão materialista tem feito isto sistematicamente durante toda a história do conhecimento humano; em Psicologia, além do behaviorismo, ela aparece atualmente clara no ramo da neuro-psicologia: redução dos processos mentais a processos corticais sutis ou similares. Por que isso? Porque se parte, explícita ou implicitamente, da suposição ou do preconceito que só existe o biológico e, assim, o mental vai ter que ser reduzido a ele de qualquer modo. Por que não assumir o papel de cientista?

O papel do cientista é procurar estudar e entender a realidade e não criar a realidade. Agora, os processos biológicos no ser humano devem ser descritos e entendidos ao nível da Biologia e procurar as leis que regem tais processos; os processos psíquicos devem ser descritos e entendidos ao nível da Psicologia e é função do psicólogo cientista descobrir as leis que regem estes processos, ou será que a Psicologia é simplesmente um ramo da Biologia? Ora, se os dois tipos de processos não podem ser descritos e entendidos isomorficamente, então as leis que os regem também não são as mesmas. Então, quais são as leis que regem o psíquico se elas são diferentes das leis puramente genéticas? Pois é, é precisamente a função do psicólogo descobri-las. Para que, afinal, existe a ciência da Psicologia? Reduzir as leis do psíquico às leis genéticas me parece uma saída simples e uma fuga da pesquisa das verdadeiras leis. Evidentemente, tal postura não resolve o problema do conhecimento dessas leis, apenas impõe responsabilidade e seriedade no psicólogo de, em vez de fugir para explicações simples ou simplistas, ter que procurar e escavar essas leis da realidade psíquica.

Outro problema para entender o psiquismo humano, problema tão grave quanto o do reducionismo materialista, é a visão essencialista. Esta tendência admite o psíquico como diferente do biológico, mas o faz de uma maneira a tornar a realidade psíquica algo totalmente distinto e independente do biológico, como já o havia feito Descartes (1637, 1983) séculos atrás. Assim, para o essencialista, o ser humano é composto de duas coisas totalmente distintas: uma material e outra mental. Aliás, nem se poderia dizer que ele é composto dessas duas coisas, porque as duas existem independentemente; assim, de fato o ser humano seria um agregado e não uma composição. Aqui, novamente o cientista está criando uma realidade por conta própria (a mente como uma espécie de fantasma!), quando sua função consiste em descobrir a realidade como ela é. Pois, a experiência de cada ser humano não é de que ele age independentemente com o corpo, algumas vezes, e outras com a mente; a experiência é de que nós agimos simultaneamente (na maioria das vezes) com nosso corpo e nossa mente. Se isto é um fato, então o cientista tem que descrevê-lo assim e procurar entendê-lo de acordo. Então, ao que parece, o ser humano, mesmo composto de duas realidades distintas, age como uma unidade, sendo as duas realidades absolutamente inseparáveis tanto no ser quanto no agir. Como é que é isso possível? Pois esta é função do psicólogo descobrir e não de negar. E a Psicologia já descobriu tal realidade de um dualismo interacionista que nossa experiência diária nos propõe? Parece que estamos ainda muito longe de tal conhecimento, o que, evidentemente, é uma desgraça para a ciência psicológica. Daí resulta que cada psicólogo entende esta realidade de corpo e mente do seu jeito. Eu a entendo mais ou menos da seguinte forma:

Do dito acima, parto do princípio que existe a engenharia genética no ser humano e existe também a engenharia psíquica; ambas regidas por leis distintas, mas ambas interdependentes. A engenharia genética se rege pelas leis genéticas, que uma teoria biológica como a da evolução pode explicar; a engenharia da mente se rege por leis psíquicas, fundamentadas também na evolução biológica, sendo que esta, a certa altura, produziu uma realidade distinta da realidade biológica, como uma espécie de emergência, na expressão de Popper (1977). Perguntar como é que isto é possível é enveredar para o terreno das impossibilidades; como, entretanto, tal realidade existe, é preciso partir do fato consumado e procurar explicar e entender como tal mecanismo funciona, numa perspectiva evolutiva reversa, como diria Pinker (1999), isto é, partir do mecanismo existente e em funcionamento para procurar o como e as causas de tal funcionamento, já que a partir das causas e fenômenos genéticos não dá para construir um tal mecanismo que funcione (estou falando do mecanismo da mente, que não funciona simplesmente pelas leis genéticas, ainda que delas dependa). O fato de que nós nem conhecemos minimamente estas leis da mente não é motivo para negá-las. Se você se lembra, a própria Física, que se atribula há milênios para conhecer seu objeto de estudo, apenas há mais de um século começou a realmente entendê-lo; a Psicologia não tem milênios de história, aliás tem apenas um século. A Física já conseguiu chegar a elementos primários da realidade física, os quarks, bosons e leptons, elementos que aparecem quase abstrações. A Psicologia apenas conseguiu até o presente chegar a elementos do tipo idéia, imagem, sentimento e decisão, elementos que parecem ainda muito “grossos”. Mas é atrás destes elementos que a Psicologia deve ir e explicar, descobrir sua estrutura e as leis que os regem, e não ir à cata dos elementos da Física e nem da Biologia. A presente teoria não pretende resolver todos esses problemas, mas ela indica, pelo menos, que os temas da mente devem ser procurados na esfera do psíquico e não do físico e, ainda, que os mecanismos da mente e genéticos sejam conjugados em seu ser e agir. Que isso constitui uma tarefa agigantada e assustadora, é um fato. Mas a própria Biologia, com seus séculos de vida, apenas agora está começando a entender as leis genéticas, descobrindo os fenômenos da DNA e do genoma humano. Quando é que a Psicologia começará a vislumbrar um genoma da mente?

Agora, voltando ao tema da estrutura da personalidade. Uma outra vertente de diferenciação entre os indivíduos, além do *ser*, poderia ser considerada a *atividade*, a função (como diria Jung) ou as capacidades ou faculdades deste ser humano. E esta atividade pode ser concebida, como o tem sido na tradição histórica da Filosofia e também da Psicologia, como tripartite, a saber, as funções de *conhecer*, *sentir* e *agir*, ou por outros nomes sob os quais se queira entender estas três funções, além dos seus substantivos de conhecimento, sentimento e motivação ou vontade, ou, ainda, faculdade cognitiva, faculdade afetiva e faculdade conativa. Nesta parte já não aparece tão clara esta distinção em três funções, pois outros diriam que elas são em maior número. O próprio Jung fazia aqui algumas distinções que podem parecer até estranhas ou, pelo menos, não se vê bem o por quê de tais distinções. A armadura psicanalítica certamente é uma das causas de tais idiossincrasias de Jung. Ele distinguia as funções em termos de energização (extroversão vs. introversão), atenção (sensação vs. intuição), decisão (pensamento vs. sentimento) e vivência (julgamento vs. percepção). Além de conceber estes conceitos de um modo peculiar (por exemplo, intuição estaria ligada a uma coisa chamada “sexto sentido”), Jung parece estar amarrado à tradicional magia do número 4, a qual vem desde Pitágoras. E outros, ainda, têm outras sugestões neste particular das funções humanas (veja no capítulo 1, onde Allport apresenta dezenas delas). Vamos admitir a distinção tripartite da função (conhecer, sentir, agir). Mais adiante, veremos que estas três funções na verdade são categorias de funções, porque dentro delas muitas sub-funções podem ser diferenciadas.

2.2. As Combinações Vetoriais da Personalidade

Admitindo estes cinco vetores (2 de ser e 3 de função) na estruturação da personalidade, podemos, então, enquadrar todos estes elementos de ser e de função do ser humano num esquema de mútua interação e divisar a situação apresentada na tabela 3-1.

Tabela 3-1. Fatores geradores dos temperamentos ou personalidade

| SER | FUNÇÃO | | |
|---------------------|--------------|------------|------------------|
| | Conhecer (C) | Sentir (S) | Agir (A) |
| Físico (Φ) | Sensação | Emoção | Atos instintivos |
| Psíquico (Ψ) | Pensamento | Sentimento | Atos livres |

Esta tabela quer expressar que a função de conhecimento se manifesta, ao nível físico do ser humano, no fenômeno da percepção sensorial (a sensação) e, ao nível psíquico, na elaboração teórica da realidade (o pensamento). O sentir se manifesta na emoção corporal e no sentimento ao nível psíquico. O agir, por sua vez, se manifesta na ação instintiva, reflexa, ao nível físico, e na ação livre, na tomada de decisão, *goal-oriented activity*, ao nível psíquico. Os símbolos gregos expressam a terminologia técnica sob a qual os níveis do ser humano têm sido expressos durante a história: o Φ abrevia Fisis ($\Phi\upsilon\sigma\iota\varsigma$) e o Ψ constitui a sigla para Psique ($\Psi\upsilon\chi\eta$).

Tabela 3-2. Fatores geradores da personalidade

| SER | FUNÇÃO | | |
|----------------------|---|---|---|
| | Conhecer  | Sentir  | Agir  |
| Físico (Φ) | Sensação | Emoção | Atos Instintivos |
| Psíquico (Ψ) | Pensamento | Sentimento | Atos Livres |
| Espiritual (Π) | Contemplação | União Mística (Êxtase) | Ágape |

Como nota, vejamos como ficaria esta configuração se acrescentássemos a dimensão espiritual. A tabela 3-2 faz esta visualização (incluindo símbolos para as funções: cabeça, coração, mãos).

O Π é a abreviação de Pneuma ($\Pi\nu\epsilon\upsilon\mu\alpha$)

Para cada um desses seis tipos de atividade, o ser humano deve possuir um instrumento ou órgão, vamos chamar de *faculdade*, que o qualifica para desempenhar tal função, dado que é axiomático de que a função procede da estrutura. Assim, para a percepção ele tem os sentidos; para a teoria, ele tem a inteligência (intelecto); para a emoção, ele possui o sistema neuroendócrino (a emoção surge espontaneamente “do intestino”, dizem os taitianos – Levy, 1984); para o sentimento, ele tem o senso do valor (atitude?); para a ação instintiva, ele possui o instinto; e para a ação livre, ele tem a vontade, como fica ilustrado na tabela 3-3.

Tabela 3-3. Faculdades humanas em termos de ser e função

| SER | FUNÇÃO | | |
|----------|-----------|------------------------|----------|
| | Conhecer | Sentir | Agir |
| Físico | Sentidos | Sistema Neuroendócrino | Instinto |
| Psíquico | Intelecto | Senso de valor | Vontade |

Novamente, como nota, com a dimensão espiritual, este quadro seria o da tabela 3-4.

Tabela 3-4. Faculdades humanas em termos de ser e função

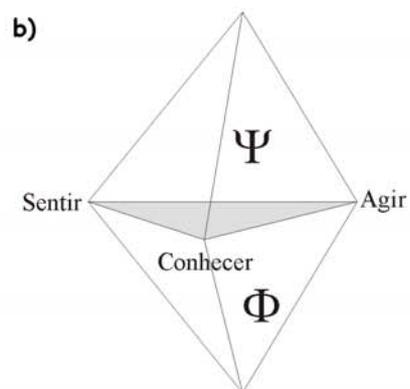
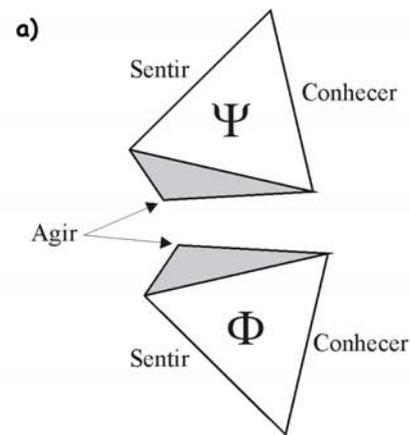
| SER | FUNÇÃO | | |
|------------|-----------|------------------------|----------|
| | Conhecer | Sentir | Agir |
| Físico | Sentidos | Sistema neuroendócrino | Instinto |
| Psíquico | Intelecto | Senso de valor | Vontade |
| Espiritual | Fé | Esperança | Caridade |

Contudo, você vê que as faculdades envolvidas na esfera do sobrenatural não são mais, digamos, dádivas da natureza, mas dádivas diretas de Deus. Aquelas são tratadas pela Ciência e estas o são pela Teologia. De sorte que para o psicólogo, cientista, não parece possível trabalhar racional e utilmente com o esquema da figura 3-4. A Psicologia consegue trabalhar a experiência que o ser humano tem, por exemplo, da percepção sensorial, bem como da percepção intelectual da realidade, mas não consegue tratar da percepção espiritual da realidade. A Teologia é que trabalha esta última. Inclusive, ela afirma que inicialmente o ser humano tinha esta percepção espiritual como a mais típica do seu agir, na época em que ele vivia no éden, onde a visão de Deus era o evento corriqueiro. Mas o homem perdeu esta habilidade por uma ocorrência que é contada na saga do “pecado original”. A Teologia também nos conta que o homem pode readquirir tal habilidade, não sendo ela mais, no presente, uma visão, mas através da fé, pelo menos durante um certo período de tempo, isto é, enquanto o ser humano viver no mundo mortal; depois (da morte), ele terá de volta definitivamente esta habilidade, dependendo de como ele aproveitou esta vida mortal (esta história é contada pelo cristianismo sob os eventos da primeira e segunda vinda de Cristo ao mundo). Infelizmente, enquanto ele viver neste mundo mortal, o ser humano já não possui (mais) esta visão ou percepção espiritual da realidade (e com isto também não o sentir e o agir neste nível), a não ser através da fé e das outras faculdades espirituais.

Quanto a esta estrutura, devemos finalmente observar que os instrumentos que o ser humano possui em cada uma das 6 combinações não são um único. Na verdade, estas combinações representam categorias nas quais se situam arsenais de instrumentos ou habilidades que o ser humano possui em cada uma delas. Veja, por exemplo, o caso dos sentidos: temos cinco deles. Podemos descobrir vários instrumentos também nas demais combinações, como procura mostrar a tabela 3-5. No caso do intelecto, por exemplo, você pode ver que os instrumentos ali presentes explicariam a distinção, que continuamente ocorre na literatura sobre a inteligência, entre racional (raciocínio) e irracional (imaginação e intuição).

Tabela 3-5. Faculdades humanas em termos de ser e função

| SER | FUNÇÃO | | |
|-----------------|---|--|--|
| | Conhecer | Sentir | Agir |
| Físico | Sentidos: . Gosto . Visão . Gustação . Olfato . Audição | Sistema Neuroendócrino: . Simpático . Parassimpático. | Instinto: . Alerta . Sobrevivência . Acasalamento (mating) . Exploração . Mothering (proteção) |
| Psíquico | Intelecto: . Memória . Percepção . Imaginação . Intuição . Raciocínio | Senso de valor: . Estético (belo) . Ético (bom) . ? (grande) . ? (mágico) | Vontade: . Atenção . Escolha . Significado da vida (will to meaning) |



2.3. O Poliedro da Estrutura da Personalidade

As distinções acima feitas podem ser visualizadas melhor nas figuras 3-1 a 3-5. Na figura 3-1a está ilustrado que o ser humano é constituído de dois níveis de ser, a saber, o psíquico (Ψ) e o físico (Φ), ambos capazes de três funções, isto é, conhecer, sentir e agir. Em figura 3-1b todas estas distinções estão postas numa unidade corpo-mente.

Na figura 3-1c há tentativa de distinguir as três funções em funções puras ou dominantes e funções mistas, expresso com cortes transversais do sólido geral da figura.

Os sólidos expressos pelas arestas da figura expressam as funções dominantes de conhecer (sólido frontal), sentir (sólido da esquerda) e agir (sólido da direita), seja em nível psíquico ou físico; os sólidos entre os das arestas expressam as funções mistas de conhecer-sentir (sólido intermédio da esquerda), conhecer-agir (sólido intermédio da direita), sentir-agir (sólido intermédio de trás), como procura salientar a figura 3-3.

Fazendo cortes longitudinais na figura temos a situação da figura 3-1d, a qual expressa o ser do homem em termos de psíquico dominante (cone superior), misto (parte intermédia, do equador) e físico dominante (cone inferior).

Olhando a figura 3-1c,d de cima, podemos visualizar o ilustrado na figura 3-2, onde aparecem todos os tipos em termos das funções (conhecer, sentir, agir) e dos dois níveis do ser (psíquico, físico).

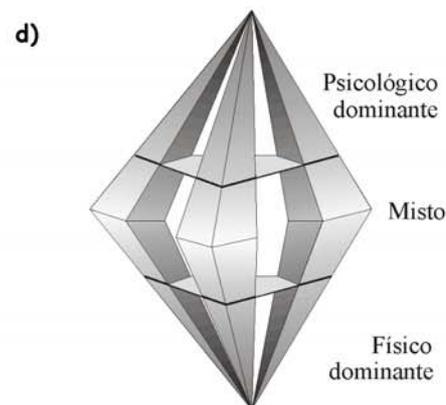
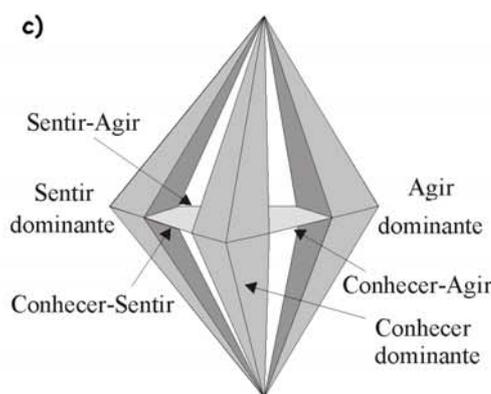


Figura 3-1. Formalidade da gênese dos tipos psicológicos

A figura 3-3 pretende mostrar como aparecem os tipos do nível psíquico, quando este for puxado para cima.

Fazendo o mesmo com os tipos do nível físico, teremos como visualização o apresentado nas figuras 3-4 e 3-5, as quais mostram os 18 tipos diferentes que surgem destas distinções feitas, como expressos nas próprias figuras.

Dentro do esquema proposto, de fato você pode distinguir um número ilimitado de tipos humanos, o que equivaleria a dizer que cada sujeito, passado, presente e futuro, aparece como um tipo único. Mas uma distinção em um número menor de tipos ou classes é útil para fins práticos e para o conhecimento psicológico. O número destes tipos depende do gosto do pesquisador ser mais analítico ou sintético; aquele distinguiria um número maior de tipos e este um número menor. Distinguimos aqui 18, não como um número mágico, mas como um compromisso entre uma descrição por demais analítica ou demasiadamente sintética. Como veremos a seguir, 18 já é um número que dificulta bastante a caracterização clara e disjuntiva, em termos substantivos ou psicológicos, de todos estes tipos.

O que acabamos de dizer pode ser parafraseado da seguinte maneira: Se considerarmos os dois níveis de ser e as três funções como vetores num espaço multidimensional, então cada ser humano poderá ser expresso como um ponto definido pela resultante destes 5 vetores neste mesmo espaço, o que vai resultar em que cada sujeito representa um tipo único dentro do espaço. Contudo, esta maneira de expressar possibilita também visualizar que o ponto que define a posição do sujeito neste espaço 5-dimensional possa cair dentro ou mais próximo de uma das 18 classes ou tipos que a figura sugere poderem surgir da combinação dos 2 níveis de ser e das 3 funções; assim, o sujeito poder ser classificado dentro deste tipo, de preferência a ser considerado cada um dos sujeitos um tipo único e peculiar. Evidentemente, estes 18 tipos se apresentam com matizes muito variados. Por exemplo, o indivíduo no qual predomina a combinação vetorial do intelecto, pode sê-lo assim por várias razões, já que o intelecto é um sumário de várias habilidades distintas, isto é, percepção, imaginação, intuição e raciocínio. De sorte que sujeitos caracterizados pela função do intelecto se apresentam muito distintos entre si, unicamente dependendo da caracterização pelo intelecto, além, obviamente da combinação neles dos outros vetores da personalidade.

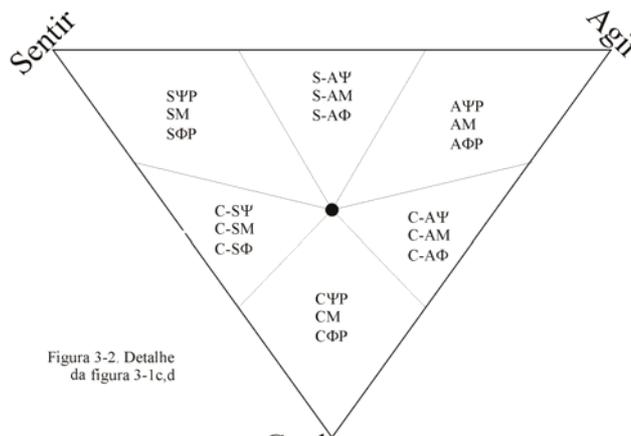


Figura 3-2. Detalhe da figura 3-1c,d

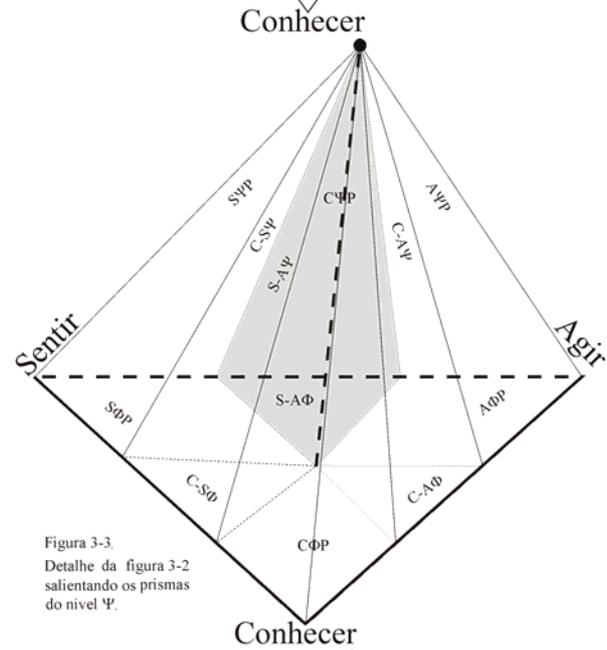
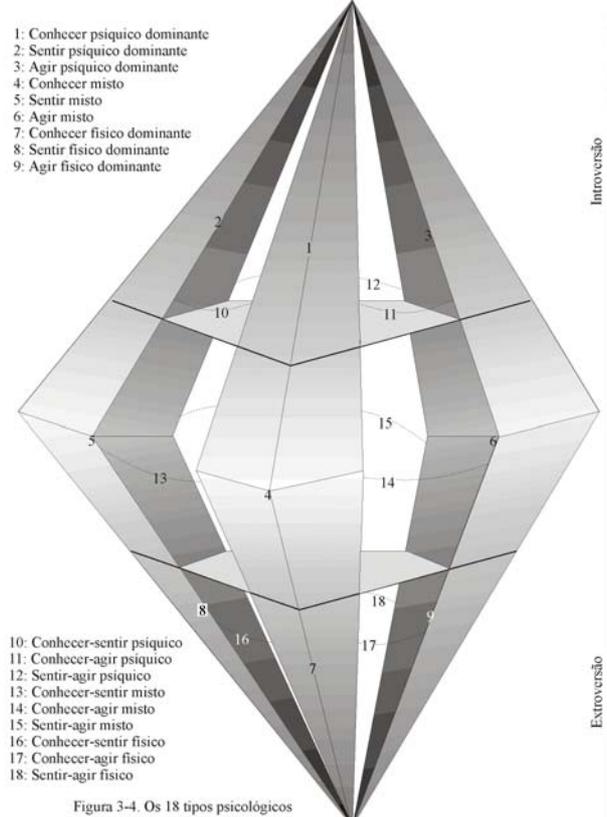


Figura 3-3. Detalhe da figura 3-2 salientando os prismas do nível Ψ.



- 1: Conhecer psíquico dominante
- 2: Sentir psíquico dominante
- 3: Agir psíquico dominante
- 4: Conhecer misto
- 5: Sentir misto
- 6: Agir misto
- 7: Conhecer físico dominante
- 8: Sentir físico dominante
- 9: Agir físico dominante
- 10: Conhecer-sentir psíquico
- 11: Conhecer-agir psíquico
- 12: Sentir-agir psíquico
- 13: Conhecer-sentir misto
- 14: Conhecer-agir misto
- 15: Sentir-agir misto
- 16: Conhecer-sentir físico
- 17: Conhecer-agir físico
- 18: Sentir-agir físico

Figura 3-4. Os 18 tipos psicológicos

Assim, a caracterização individual de cada sujeito se torna extremamente variada e complexa, para a qual vamos necessitar de instrumentos de medida que nos forneçam indicadores para poder discriminar cada sujeito individualmente.

Levando em conta a última observação feita acima, um instrumento que meça os vários tipos psicológicos pode produzir um único escore multidimensional que expressaria o sujeito como um ponto neste espaço 5-dimensional, definido pelos 2 vetores do ser (psíquico, físico) e pelos 3 vetores das funções (conhecer, sentir, agir). Como não dá para geometricamente expressar um espaço de 5 dimensões, a representação gráfica de um tal ponto ou escore pode ser efetuada em 6 figuras, nas quais as funções são representadas duas a duas para cada nível do ser, como procura mostrar o esquema da figura 3-6.

- 1: Conhecer psíquico dominante
- 2: Sentir psíquico dominante
- 3: Agir psíquico dominante
- 4: Conhecer misto
- 5: Sentir misto
- 6: Agir misto
- 7: Conhecer físico dominante
- 8: Sentir físico dominante
- 9: Agir físico dominante

- 10: Conhecer-sentir psíquico
- 11: Conhecer-agir psíquico
- 12: Sentir-agir psíquico
- 13: Conhecer-sentir misto
- 14: Conhecer-agir misto
- 15: Sentir-agir misto
- 16: Conhecer-sentir físico
- 17: Conhecer-agir físico
- 18: Sentir-agir físico

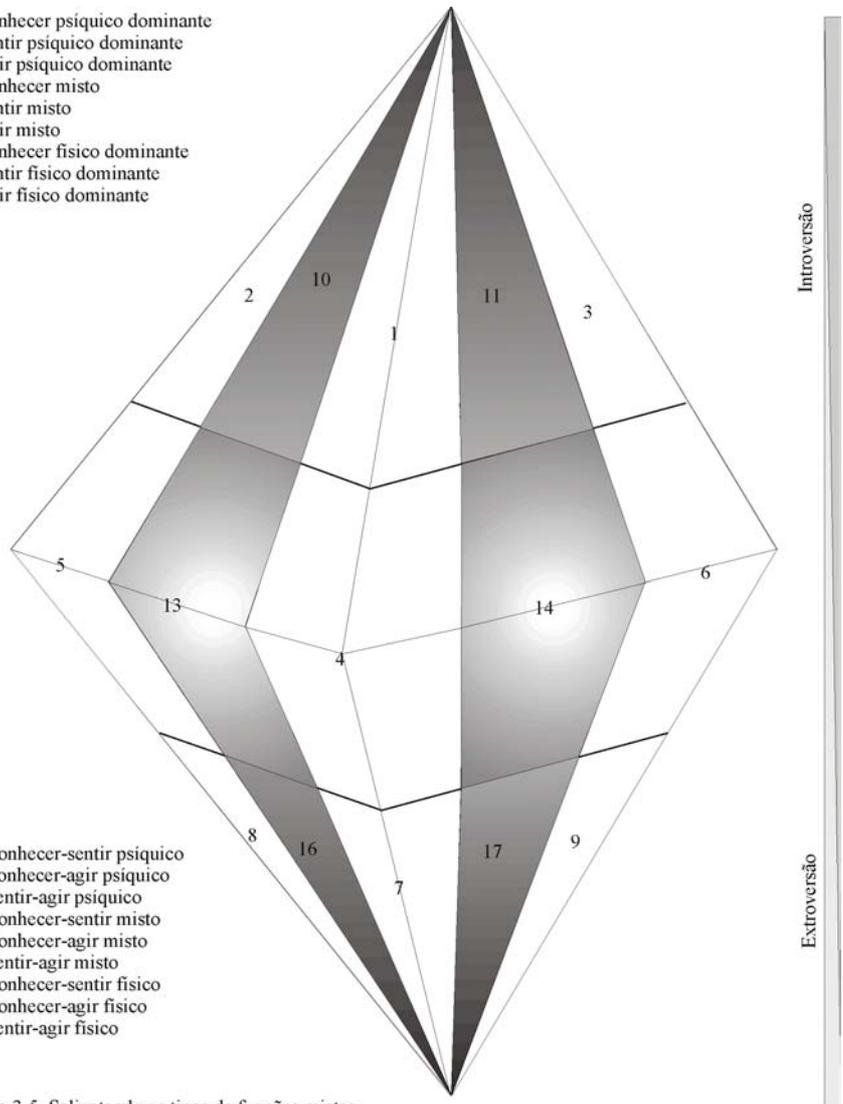
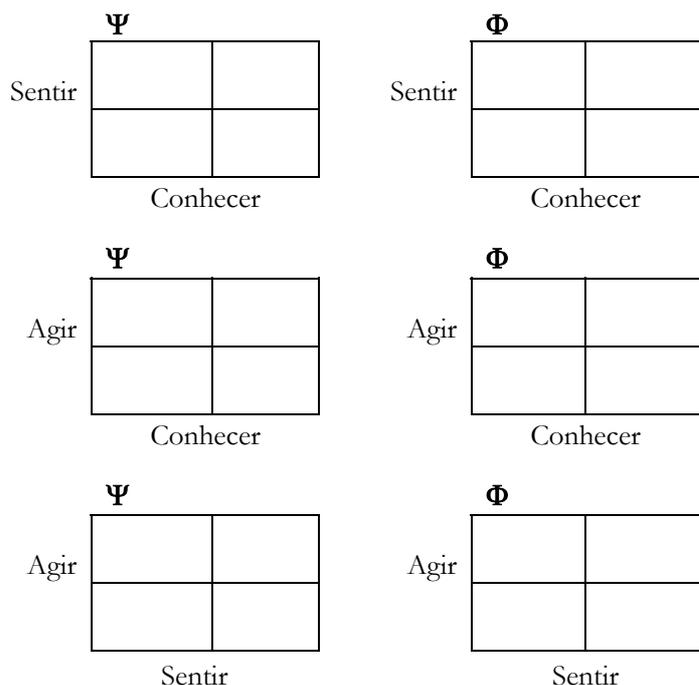


Figura 3-5. Salientando os tipos de funções mistas

Figura 3-6: Representação vetorial do escore em dimensão bidimensional



Neste esquema, o escore do sujeito é representado por um ponto em cada um dos quatro quadrantes de cada quadrado bidimensional.

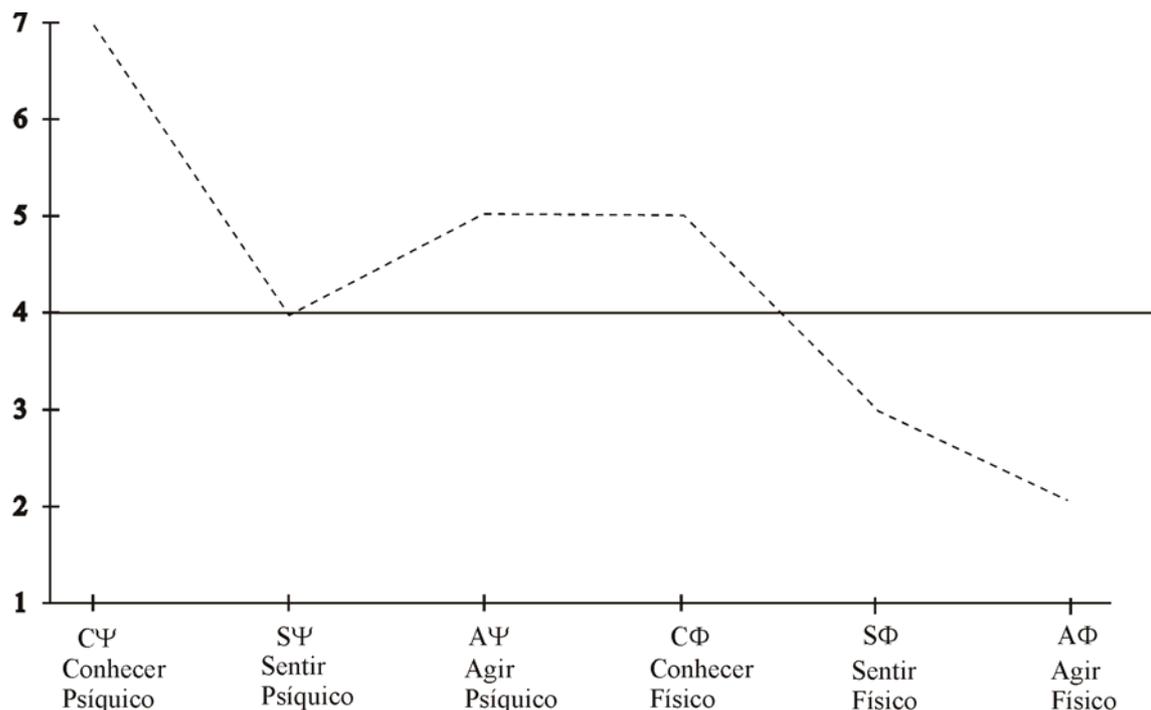


Figura 3-7. Ilustração da avaliação do sujeito em perfil tipológico

A leitura e a compreensão de um tal escore e de sua representação é de difícil visibilidade. Por isso, para fins práticos, o escore do sujeito num tal instrumento pode também ser expresso como um perfil unidimensional, nas seis combinações vetoriais expressas na tabela 3-1 e na figura 3-7.

Este aspecto da medida será detalhado mais adiante (onde a figura 3-12 corrige a figura 3-7). Aqui cabe, apenas, observar que esta última forma de expressar o escore tira a qualidade multidimensional do mesmo, transformando a representação do sujeito num espaço unidimensional, no qual cada uma das seis combinações se constitui em fator independente. Embora esta representação tire a unidade do conceito multidimensional à posição do sujeito no campo semântico da personalidade, ela, contudo, ajuda a visualizar melhor o tipo ou tipos dominantes nos quais o seu escore posiciona o sujeito. Entretanto, não se deve perder de vista que a expressão da posição tipológica do sujeito expressa em perfil de 6 pontos constitui uma dissecação analítica desta sua posição espacial ou escore multidimensional.

Sobre as representações gráficas da estrutura da personalidade (figuras 3-1 a 3-5) cabe uma observação ou retificação importante: as figuras dão a impressão de um dissecamento brutal entre os vários níveis do ser e das funções. De fato, o ser humano não é um agregado que resulta da soma de componentes, mas ele é uma entidade una, composta, sim, de elementos, sendo estes inclusive elementos heterogêneos, onde um é físico e o outro não-físico (o psíquico), por exemplo. Como é possível que tal evento seja possível ocorrer? Bem, este é um problema que a filosofia deve discutir. Para o cientista (psicólogo), esta unidade heterogênea tanto é possível que é e pronto. O psicólogo procura verificar como tal unidade funciona, se estrutura e se comporta. Para melhor salvar visualmente esta unidade do ser humano, a figura 3-1b, da qual resultam todas as outras, seria expressa melhor como na figura 3-8. Esta ilustração visualiza a unidade do ser homem, na figura 3-8a, para o caso do “homo philosophicus” e a figura 3-8b para o “homo theologicus”. Entretanto esta forma dificulta ilustrar os detalhes que as figuras, em especial as 3-3 e 3-5, pretendem descrever. Este alerta serve para não perder de vista que todas as distinções feitas em termos de estrutura e função são dissecações analíticas, não correspondendo ao funcionamento unitário do ser humano.

3. A Dinâmica da Personalidade

3.1. A Energia Bio-Psíquica

Além das vertentes que estruturam o ser humano, é preciso admitir uma realidade que possibilite pôr tal estrutura em funcionamento. É o que, nas teorias da personalidade, se define sob a *dinâmica da personalidade*. Esta realidade pode ser denominada de *energia* ou outro nome similar qualquer (Jung e os freudianos a chamam de libido; no caso da dimensão espiritual, ela se chama de graça). A energia parece ser amorfa ou indiferenciada neste contexto de caracterização tipológica; ela constitui simplesmente as forças que impulsionam os vários tipos e, portanto, ela não se põe como uma vertente de caracterização ou diferenciação de tipos.

Um parêntese: de repente, dou-me conta que a distinção entre ser, atividade e energia, como os eixos de estratificação e ativação do ser humano, lembra o conceito da Física moderna que expressa os objetos em termos de *momentum*. Todo o objeto físico tem, digamos, uma substância (um *quantum*) e está em movimento, isto é, todo o objeto tem uma posição (localização) e uma direção ou movimento (tendência).

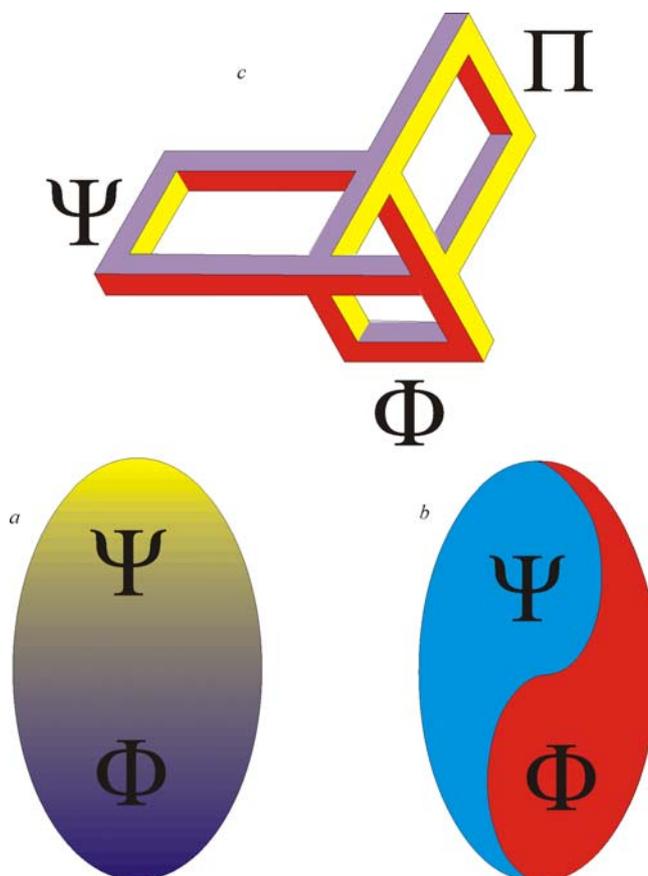


Figura 3-8. Ilustração da unidade do ser humano

Toda a natureza é finalmente redutível a três classes de realidade: os quarks (partículas), os leptons (ondas) e os bosons (forças). Similarmente, o ser humano, dentro da visão que estamos expondo, finalmente se reduziria a *ser* (corpo-mente; estamos falando do ser humano natural, deixando de fora a dimensão espiritual, por exemplo), a *função* (conhecer, sentir, agir; ou outra politomia que faça sentido) e a *energia* (dinâmica da personalidade), que possibilita pôr todo este “mecanismo” humano em funcionamento. Assim, num paralelismo grosseiro com a Física, diríamos que o ser representa os “quanta” (quarks), as funções representam os “leptons”, e a energia representa os “bosons”.

No caso da energia, além das forças físicas que agem no organismo humano, como em qualquer ser físico, a saber, a força gravitacional, a força forte e fraca, deve haver uma energia que vai além dessas forças, energia esta que os psicanalistas chamam de libido e que aqui chamamos simplesmente de energia ou, se quiser, energia psíquica ou energia bio-psíquica. Fica difícil caracterizar mais ou melhor esta tal de energia, mas ela se põe como uma hipótese necessária para se poder explicar que o mecanismo ser humano funciona. Aliás, os próprios físicos não sabem como melhor caracterizar o que eles chamam de força forte e força fraca, embora as tenham que admitir para poder explicar os fatos da atração entre as partículas nucleares, bem como a possibilidade de se poder separá-las.

3.2. A Ativação da Energia

Neste contexto da energização do sistema corpo-mente deve-se igualmente inserir a problemática que a literatura discute sob a polaridade de *ativo vs. passivo* (Jung, por exemplo) e a qual pode ser a (uma) raiz do que se denomina de normal vs. patológico em Psicologia. Esta polaridade energética permite visualizar a ocorrência dos tipos psicológicos nos seus, digamos, pólos de normalidade ou de patologia. O que exatamente está subjacente ou conceitualizado nesta polaridade energética? Bem, trata-se da questão de como as 6 faculdades apresentadas na tabela 3-3 são ativadas. Supondo que cada faculdade tem seu objeto específico de, digamos, manipulação, então nessa dialética de faculdade e objeto específico, às vezes um dos elementos da díade impera sobre o outro e outras vezes o outro comanda as ações.

Podemos explicitar as faculdades e seus objetos da forma seguinte:

- Sentidos ⇔ fenômenos naturais
- Intelecto ⇔ idéias
- Sistema neuroendócrino ⇔ valor físico
- Senso de valor ⇔ valor psicológico
- Instinto ⇔ impulsos (atos instintivos, ação física)
- Vontade ⇔ decisões (atos livres, de escolha, ação psíquica).

Há energização positiva quando a faculdade atua sobre o seu objeto específico, ela está no controle (seta para a direita); a energização é passiva quando o objeto se impõe sobre a faculdade, quando esta, em vez de agir sobre o objeto, sofre a influência dele, é dominada pelo objeto (seta para a esquerda). Desta forma, se a faculdade está no controle, temos energização positiva; se, ao contrário, o objeto está no controle, temos energização passiva. Pode-se discutir aqui a terminologia utilizada, isto é, de ativo vs. passivo; mas tal discussão parece irrelevante, pois o relevante consiste em se ver a possibilidade de uma tal dialética entre faculdade e seu objeto específico.

Admitido este quadro na problemática da dinâmica da personalidade, podemos esquematizar uma tentativa explicativa deste fenômeno como a expressa na tabela 3-6.

Tabela 3-6. Energização ativa vs. passiva

| Faculdade | Objeto | Energização | |
|------------------------|--------------------|-------------|--|
| | | Ativa | Passiva |
| Sentidos | fenômenos naturais | sensação | alucinação |
| Intelecto | idéias | pensamento | idéia fixa, obsessão, “intuição” |
| Sistema neuroendócrino | valor físico | emoção | hedonismo |
| Senso de valor | valor psicológico | sentimento | sentimentalismo (?) |
| Instinto | impulsos | ação (?) | necessidades biológicas atos reflexos |
| Vontade | escolha | decisões | necessidades psicológicas |

Os ? significam que não sei o que pôr ali

De fato, esta problemática da energização é bem mais complicada do que a tabela 3-6 sugere, e, conseqüentemente, também mais difícil de caracterizá-la. De qualquer forma, ela deve levar em conta o detalhamento das faculdades feito na tabela 3-5. Assim, uma tentativa mais conforme a complexidade desta dialética pode ser expressa na tabela 3-7.

Tabela 3-7. Energização ativa vs. passiva

| Faculdade | Objeto | Energização | |
|-------------------------------|---------------------------|-------------------------------|-----------------------------|
| | | Ativa | Passiva |
| Sentidos | Fenômenos naturais | Sensação | Alucinação |
| . Visão | . luz | . forma, figura | |
| . Olfato | . odores | . cheirar | . alucinação |
| . Gosto | . comida, bebida | . saborear | . gluttonismo |
| . Tato | . resistência | . apalpar | . sensualismo |
| . Audição | . som | . escutar | |
| Intelecto | Idéias | Pensamento | idéia fixa, obsessão. |
| . Atenção | . forma abstrata | . representação | . “intuição” |
| . Percepção | . mito, ficção | . criação | . idéia fixa |
| . Imaginação | . objeto abstrato | . visão (eidética) | . ídolo (fanatismo) |
| . Intuição | . argumento | . dedução | . erro |
| | Valor físico | Emoção | Hedonismo |
| Sistema neuroendócrino | . prazer | . prazer, dor, sorrir, chorar | . devassidão |
| | . proteção (nurture) | . apego, carícia | . descaso |
| | . relaxamento | . distensão, raiva, medo | . pânico |
| | . jogo | | |
| | Valor psicológico | Sentimento | Sentimentalismo (?) |
| Senso de valor | . belo | . êxtase (contemplação) | . |
| . estético | . bom | . união (participação) | . |
| . ético | . grande (majestoso) | . veneração (admiração) | . |
| | . mágico (jogo) | . surpresa, espanto | . |
| | Impulsos | Atos reflexos | necessidades biológicas (?) |
| Instinto | . proteção (mothering) | . defender, atacar | . agressão |
| | . sobrevivência | . comer, beber | . gluttonia, bebedeira |
| | . acasalamento (espécie) | . acasalar | . orgia. |
| | . curiosidade | . explorar (habitat) | |
| Vontade | Escolha | . decisões | . Necessidades psicológicas |
| | Sentido da vida | | |

Novamente, há aqui muitos dados omissos e outros dúbios

A questão da psicopatologia deverá ser trabalhada melhor por especialistas nesta área. Na verdade, além desta fonte baseada na dialética de energização ativa vs. passiva, uma outra fonte de patologia, indicada desde os primórdios da teoria do temperamento, deve ser buscada na história do equilíbrio entre os vários componentes que estruturam e dinamizam a personalidade humana. Por exemplo, dentro de cada categoria de instrumentos deste ser humano, um deles pode tiranicamente assumir dominância em prejuízo dos demais, provocando o que os antigos sistemas de temperamento chamavam de desequilíbrio. Exemplificando: o tipo intelectual pode exacerbar a sua habilidade de raciocinar em prejuízo, digamos, do imaginar ou do intuir, etc. Assim, a idéia do equilíbrio (*temperare*) pode ser retomada dentro do nosso esquema. A tudo isso, obviamente, deve-se acrescentar a possibilidade do mau funcionamento dos vários sistemas e módulos que a teoria permite, mau funcionamento devido a lesões de estrutura ou de dinâmica.

3.3. A Dinâmica do Comportamento

Venho insistindo que o ser humano, na complexidade dos elementos que o constituem, age sempre como uma unidade. Surge, então, uma pergunta: Como é que todos esses elementos interagem entre si para determinar o comportamento do indivíduo? Uma resposta genérica e, talvez correta, seria dizer de que há uma constante retroalimentação entre todos os elementos e, assim, o comportamento do sujeito seria a resultante da interação de todas as funções envolvidas e expressas na tabela 3-5 e no perfil da figura 3-12. A relação entre as funções é deveras complexa e cheia de retroalimentação, mas, numa análise de percurso, ela pode ser sinteticamente entendida como na figura 3-9.

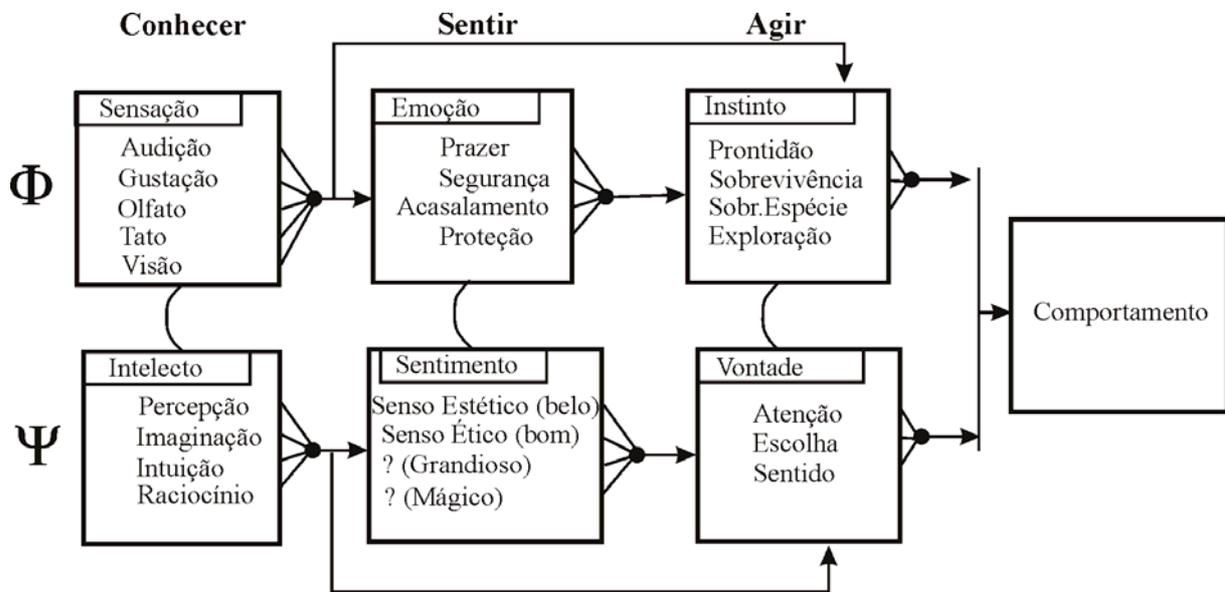


Figura 3-9. Relação entre as funções do ser humano

A figura 3-9 sugere uma interpretação cognitivista do comportamento humano, onde a fonte iniciadora do mesmo se encontra na representação da realidade, isto é, na função do conhecer, ou, se quiser, uma interpretação cognitivo-emocional do comportamento, o qual seria determinado originariamente por fatores do conhecer e do sentir. A presente teoria da personalidade, contudo, não está necessariamente amarrada a esta interpretação, porque ela permite outros tipos de percurso de causalidade do comportamento humano. A teoria, contudo, parece se livrar da eterna briga entre determinismo genético vs. determinismo cultural (hereditariedade vs. meio ambiente), porque a estrutura da personalidade é dada pela genética em termos de potencialidades, mas ela se desenvolve necessariamente dentro de habitats (meio ambiente físico e cultura – veja seção IV). Isto é, tanto a genética quanto o meio ambiente são elementos necessários para o surgimento do ser humano.

4. O contexto da Personalidade

A estrutura e a dinâmica da personalidade se formam, desenvolvem e atuam dentro de dois contextos, a saber, o habitat físico e o habitat cultural. Estes contextos definem a especificidade de ser e de se comportar de cada indivíduo e, portanto, de cada tipo. Embora a estrutura básica do ser humano seja fundamentalmente universal e única, a forma típica de cada sujeito ser e se comportar depende da forma como cada um vivencia estes habitats durante a história do seu desenvolvimento como ser humano. O ser humano nasce com a estrutura em forma embrionária, digamos como potencialidades; mas ela matura e se desenvolve dentro dos citados contextos, o que permite entender a diversidade enorme que existe entre tipos de seres humanos. Os contextos não fazem parte da estrutura originária, das potencialidades do ser humano, mas eles são elementos essenciais e estruturantes da personalidade deste mesmo ser.

Existe um terceiro habitat para o ser humano, mas este não faz parte do domínio da ciência e esta não tem, conseqüentemente, maneiras de efetivar um uso eficaz do mesmo para explicar o comportamento do homem. Este habitat vem referido como o contexto espiritual. Para fazer uso de tal contexto no comportamento humano deve-se apelar à Teologia ou cair num esoterismo não-científico. Em existindo tal contexto espiritual, será difícil não admitir a influência do mesmo no comportamento do ser humano. Entretanto, como dissemos, a Psicologia como ciência não tem instrumentos para poder fazer uso adequado e racional de um tal contexto, a não ser que ele seja representado no contexto da cultura, o que já não é mais o nível espiritual puro (veja a figura 3-10 como se poderia imaginar estes habitats, inclusive o espiritual).

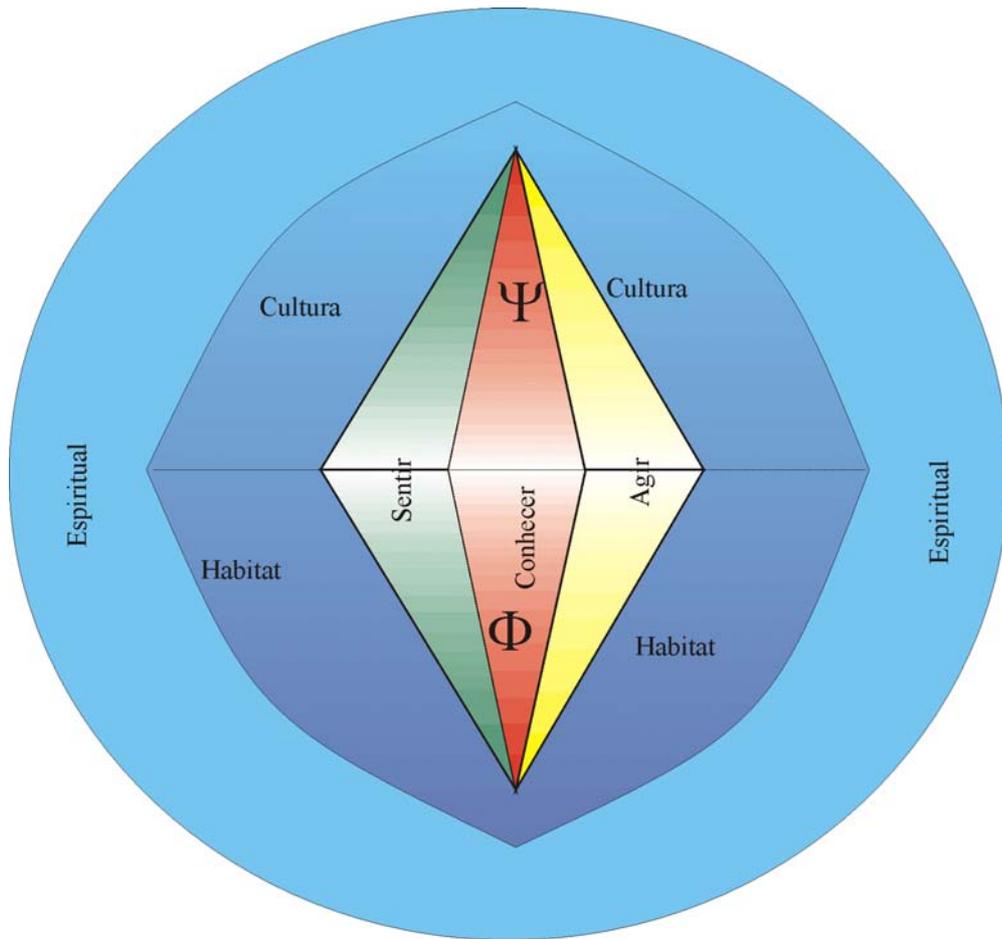


Figura 3-10. Os contextos da personalidade

De qualquer forma, compete à Psicologia do desenvolvimento humano, à Antropologia, à Sociologia, à Ecologia e outras ciências afins (a Teologia também?) elucidar como estes contextos moldam, modificam e estruturam os tipos humanos. As dimensões do ser e das funções do ser humano são dádivas da natureza, mas sua estruturação é resultado de interação com os vários habitats mencionados.

5. Caracterização dos Vetores e Combinações Vetoriais

Uma tentativa preliminar e sumária de descrição das 18 classes ou tipos em termos substantivos ou psicológicos está expressa na tabela 3-9. Os critérios utilizados para tal descrição procedem da análise das características dos 5 vetores que formam estes tipos, a saber, o ser (físico e mental) e as faculdades (conhecer, sentir, agir), bem como das características das 6 combinações vetoriais.

5.1 . Caracterização dos Vetores

Conhecer

O símbolo da função de conhecer é o olho (ou a cabeça), pois ela está voltada para ver a realidade objetiva. Sua esfera de ação é a idéia, a objetividade, os fenômenos naturais, a abstração e a teoria. A preocupação desta faculdade se manifesta na necessidade de articular, num sistema que faça sentido lógico, a realidade. Assim, a ânsia pela unidade, por estabelecer leis e princípios, por poder ver as coisas num conjunto ordenado e coerente. Daí também a necessidade de tomar distância das coisas para poder vê-las como um todo, poder colocá-las num contexto, o que é possível através da abstração. A angústia, digamos assim, desta faculdade se manifesta no temor da desorganização, da confusão, da incapacidade de poder pôr ou, melhor, ver a ordem na realidade. Ver, luz, representar, perceber, sistematizar, apalpar, sensoriar são expressões típicas desta faculdade. A vida é o saber e o sensoriar!

Assim, conhecer significa *representar* a realidade, ou seja,

- recriar a realidade no mundo psicológico: idéia, conceito
- recriar a realidade no mundo físico (no córtex): sensação, imagem.

Sentir

O símbolo desta função é o ouvido (ou o coração), pois ela está voltado para escutar a realidade, especialmente os outros seres humanos. Esta função visa o relacionamento com a realidade, relacionamento pessoal, íntimo, a união. A realidade não é vista como algo para ser organizado, mas algo para ser admirado, experienciado, intuído e compreendido, no sentido de experiência e intuição e não de representação. A angústia desta faculdade se manifesta na solidão, no retraimento, no temor do isolamento. Amor, experiência (experienciar), vivência, empolgar-se, intuição, desejo, valor, relacionar-se, prestar atenção, ouvir, são expressões que caracterizam a atuação desta faculdade. A vida é o amor e o prazer!

Assim, sentir significa *viver* a realidade, ou seja:

- valorizar a realidade: valor
- gozar a realidade: prazer.

Agir

A boca (ou as mãos) é o símbolo desta faculdade, uma vez que ela visa se apoderar da (abocanhar, manipular a) realidade, controlá-la e modificá-la. Assim, esta faculdade visa a mudança, o movimento, a produção, a criação na realidade. Tudo é visto sob a dicotomia de bom - mau, de ganhos e perdas. Instinto, liberdade, agressividade (luta), esforço, influência e poder, são características desta função. A angústia dela se manifesta no temor da própria insignificância, da insegurança de poder controlar e influir na realidade. A vida é uma luta!

Assim, agir significa *manipular* a realidade, ou seja,

- reagir à realidade: instinto
- decidir sobre a realidade: vontade.

5.2 - Caracterização das combinações vetoriais

Essas caracterizações dos vetores, imprecisas, amontoadas e ambíguas, podem quiçá ser mais precisadas através da caracterização das 6 combinações vetoriais. Para melhor direcionar esta empreitada, é necessário levar em conta o detalhamento das faculdades humanas expresso nas tabelas 3-5 e 3-7. As caracterizações das combinações vetoriais que surgem dessa análise podem ser do tipo das apresentadas na tabela 3-8.

Tabela 3-8. Categorias comportamentais das combinações vetoriais

| | Conhecer | Sentir | Agir |
|--------|--|---|---|
| Φ | Sensoriar <ul style="list-style-type: none"> . apalpar . cheirar . ouvir . degustar . ver | <ul style="list-style-type: none"> Prazer – Sofrer Gula – anorexia Bebedeira – abstermia Excitação – depressão Gosto – nojo Conforto – desconforto Rir, sorrir – chorar Raiva – medo Alívio - pesar (grief) Tensão – relaxamento | <ul style="list-style-type: none"> Defender – agredir Movimento – inércia Impulsivo – relaxado Ativo – passivo Explorar – apatia Vigor – astenia (fadiga) Motricidade – inanição Bom – mau Atacar – fugir Atividade - rigidez |
| Ψ | <ul style="list-style-type: none"> Saber – ignorância Orientação – desorientação Clareza – confusão Ordem –desordem Geral – específico Contextuar – isolar Certeza – insegurança Curiosidade – Rotina Planejamento – desorganização | <ul style="list-style-type: none"> Admirar – desprezar União – separação Empolgar – indiferença Apoiar – negligenciar Otimismo – pessimismo Associação – timidez Apego – isolamento Dependência – independência Perdoar – culpar Autoconfiança – alienação Empatia – desinteresse Aceitação social – intolerância Altruísta – egoísta Amor – ódio Confiança – medo Sentimento – insensibilidade Autoaceitação – autocondenar | <ul style="list-style-type: none"> Criar – destruir Persistência – desânimo Doação – egocentrismo Decisão – indecisão Criar – repetir Aceitar – rejeitar |

Pode-se, igualmente, dar algumas características mistas. Por exemplo ao nível do psíquico (Ψ), Autoconfiança vs. Insegurança (misto de conhecer e sentir); para misto de sentir e agir, podemos considerar Ajuda vs. Negligência, Compaixão vs. Vingança, etc. Ademais, você pode ver polaridades entre psíquico e físico em qualquer das áreas das funções, como, por exemplo, prazer vs. amor, autoconforto vs. autoadoção, agressão vs. doação, etc.

Você pode mesmo ver polaridades dentro de cada combinação vetorial, como, por exemplo, distinguindo entre tipo visual (perceptivo) vs. tipo auditivo (no setor de percepção) ou tipo racional vs. tipo intuitivo (no setor do intelecto: entre raciocínio e intuição), etc. Isto é, elaborada uma tabela de característica do gênero da tabela 3-8, você pode confrontar tipos de sujeitos em termos de quaisquer caracterizações especificadas pelos seis quadrantes que resultam dos vetores geradores da personalidade e mesmo, dentro deles, entre dimensões diferentes que compõem o quadrante. Tais cruzamentos aparecem rotineiros entre as inúmeras tipologias de temperamento que existem no mercado. A vantagem da presente abordagem consiste em permitir se perceber entre que vetores os cruzamentos estão sendo feitos. Por exemplo, quando você compara sujeitos em termos de pensamento vs. sentimento (*Thinking* vs. *Feeling*), você está salientando uma polaridade, mas esta é entre o conhecer psíquico vs. o sentir psíquico exclusivamente. Nada de errado com isso; apenas, é importante se conscientizar do tipo de recorte que tal tipologia está fazendo no espaço semântico vetorial da personalidade. Este parece ser o caso de praticamente todas as tipologias de temperamento existentes no mercado, as quais fazem recortes sem se aperceber do setor da personalidade em que tal recorte está ocorrendo.

5.3. Quantificação dos Vetores da Personalidade

Como insinuamos de início, os vetores da personalidade podem estar presentes em diferentes níveis em diferentes seres humanos. Assim, podemos ponderar esta presença ou saturação de cada um dos cinco vetores na composição de cada tipo psicológico numa escala de intensidade, por exemplo utilizando os seguintes códigos:

- 7 = 85 a 100 % de presença deste vetor no sujeito
- 6 = 70 a 85 % de presença deste vetor no sujeito
- 5 = 55 a 70 % de presença deste vetor no sujeito
- 4 = 40 a 55 % de presença deste vetor no sujeito
- 3 = 25 a 40 % de presença deste vetor no sujeito
- 2 = 10 a 25 % de presença deste vetor no sujeito
- 1 = 00 a 10 % de presença deste vetor no sujeito.

Estes códigos podem ser trabalhados em termos ou dos 5 vetores (matriz geradora dos tipos), ou em termos das 6 combinações que resultam do cruzamento dos 5 vetores (matriz gerada), como definido na tabela 3-3.

A ordem dos dígitos pode ser considerada como explicado a seguir.

Para o caso de trabalharmos com os 5 vetores: considere a ordem $\Psi \Phi C S A$

- 1º = componente psíquico (Ψ)
- 2º = componente biológico (Φ)
- 3º = conhecer (C)
- 4º = sentir (S)
- 5º = agir (A);

ou, se trabalhados em termos das 6 combinações de ser e função (matriz gerada dos tipos), seguindo a ordem seguinte: $C\Psi S\Psi S\Psi C\Phi S\Phi A\Phi$, ou seja,

- 1º = conhecer psíquico ($C\Psi$)
- 2º = sentir psíquico ($S\Psi$)
- 3º = agir psíquico ($A\Psi$)
- 4º = conhecer biológico ($C\Phi$)
- 5º = sentir físico ($S\Phi$)
- 6º = agir físico ($A\Phi$).

Desta forma, teremos uma série ilimitada de perfis de tipos psicológicos. Veja, por exemplo, tipos exemplares no quadro a seguir:

| Tipo | Combinações | | | | | | Vetores | | | | | Exemplo |
|---------------------|-------------|----------|-------------|-------------|----------|-------------|---------|--------|---|---|---|----------------------------|
| | C Ψ | S Ψ | A Ψ | C Φ | S Φ | A Φ | Ψ | Φ | C | S | A | |
| Perfeito | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | Jesus Cristo |
| Anêmico (inanimado) | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | Vegetal, feto, catatônico |
| Mediano | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | |
| Psíquico puro | 7 | 7 | 7 | 1 | 1 | 1 | 7 | 1 | 4 | 4 | 4 | Mental, mente desencarnada |
| Físico puro | 1 | 1 | 1 | 7 | 7 | 7 | 1 | 7 | 4 | 4 | 4 | Alga, ameba |
| Intelectual puro | 7 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 7 | 1 | 1 | Solipsista, autista |
| Sensação pura | 1 | 1 | 1 | 7 | 1 | 1 | 1 | 3 | 7 | 1 | 1 | |
| Sentimento puro | 1 | 7 | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 7 | 1 | |
| Emoção pura | 1 | 1 | 1 | 1 | 7 | 1 | 1 | 3 | 1 | 7 | 1 | |
| Fanatismo radical | 1 | 1 | 7 | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 1 | 7 | |
| Ação física pura | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 7 | 1 | 3 | 1 | 1 | 7 | |

Alguns exemplos mais típicos:

7 4 5 5 3 2=cientista= 5,3 3,3 6,0 3,5 3,5

4 7 1 1 1 1=místico= 4,0 1,0 2,5 4,0 1,0

7 4 3 1 1 1=filósofo=4,7 1,0 4,0 2,5 2,0

Neste exemplo, o cientista é caricaturado como atuando igualmente ao nível psíquico e biológico, sendo seu comportamento preponderantemente definido pela função do conhecer (dígitos 1 e 4, isto é, 7 e 5), com pouco envolvimento afetivo ou emocional (dígitos 2 e 5, ou seja, 4 e 3), com bom nível de ação psíquica (dígito 5, ou seja, 5) e mínima ação física (dígito 6, isto é, 2); por outro lado, o filósofo aparece como atuando exclusivamente no nível psíquico, fazendo uso maciço do intelecto, uso mediano da afetividade e algo de ação, sendo nula sua atividade ao nível físico (mais adiante explicaremos como obter os escores nas 6 combinações fatoriais a partir dos escores vetoriais).

Estes códigos ou dígitos possuem sinal positivo quando a faculdade está no comando do processo, o que caracteriza o aspecto sadio, normal do comportamento. Os mesmos códigos podem assumir sinal negativo quando a faculdade é dominada pelo seu objeto específico, caracterizando então aspectos psicopatológicos do comportamento. Desta forma, podemos, através destes códigos, caracterizar 7^2 tipos em termos de combinações de físico e mental, vezes 7^3 combinações das três funções, dando $49 \times 343 = 16.807$ tipos normais diferentes, bem como 16.807 tipos patológicos, ou seja, 33.614 tipos diferentes de indivíduos possíveis. Se, contudo, você combinar estes códigos em termos das 6 categorias da tabela 3-3, em lugar da combinação dos vetores formadores dos tipos, teríamos até 7 níveis de $C\Psi$, 7 de $C\Phi$, 7 de $S\Psi$, 7 de $S\Phi$, 7 de $A\Psi$ e 7 de $A\Phi$, ou seja um total de $7^6 = 117.649$ tipos diferentes normais e outros tantos patológicos. Combinando estes códigos com sinais positivos e negativos no mesmo perfil, teremos uma infinidade sem fim de tipos, digamos, parcialmente normais. Além disso, se você levar em conta todas as dimensões distintas que existem dentro de cada combinação vetorial, como procurou ilustrar a tabela 3-8, então o número de tipos diferentes possíveis que surgem torna-se assustador. Diante de tal situação, a tentativa a seguir constitui uma redução dos tipos a conglomerados que visam enquadrar num tipo exemplar todos os tipos com (presumível) alta correlação entre eles, tornando, assim, compreensível e manejável a tarefa de entender e diferenciar os tipos psicológicos.

5.4. Caracterização dos 18 Tipos de Personalidade

A tabela 3-9 constitui uma tentativa de caracterização dos 18 tipos de personalidade que a presente teoria permite distinguir. Os códigos de quantificação da presença dos vetores nestes tipos psicológicos são utilizados para expressar os tipos puros e mistos, em sua forma positiva; eles são expressos de modo que os vetores ou as combinações apareçam em sua forma pura ou total (código 7) ou ausente (código 1) ou, ainda, em forma mista (código 4). Cada tipo aparece com dois códigos, um combina os 5 vetores e o outro as 6 combinações de ser e função. Os exemplos apresentados na tabela sob o tópico “Exemplo” são apenas aproximativos.

Estes exemplos, talvez, fossem ilustrados melhor com combinações mais pertinentes dos códigos; mas sem pesquisa, estas combinações ficam muito aleatórias e a gosto de quem as faz. Por isso, nos ativemos a combinações formais de códigos, isto é, combinações que representam tipos psicológicos formais ou exemplares. Alguns esquemas paradigmáticos podem ajudar a entender a combinação de códigos expressa na tabela 3-9 (na seção VI, será detalhado o uso destes códigos):

Conhecer: 7 1 1 1 1 1 (Ψ) = 3 1 7 1 1
 1 1 1 7 1 1 (Φ) = 1 3 7 1 1
 Sentir: 1 7 1 1 1 1 (Ψ) = 3 1 1 7 1
 1 1 1 1 7 1 (Φ) = 1 3 1 7 1
 Agir: 1 1 7 1 1 1 (Ψ) = 3 1 1 1 7
 1 1 1 1 1 7 (Φ) = 1 3 1 1 7
 Pefeição: 7 7 7 7 7 7 = 7 7 7 7 7 7
 Argamedon: 7- 7- 7- 7- 7- 7- = 7- 7- 7- 7- 7- 7- (“o diabo em pessoa”)
 “Espírito”: 7 7 7 1 1 1 = 7 1 4 4 4
 Biológico (vegetal): 1 1 1 1 4 4 = 1 3 1 2,5 2,5
 Inanimado: 1 1 1 1 1 1 = 1 1 1 1 1 1
 Catatônico: 1- 1- 1- 1- 1- 1- = 1- 1- 1- 1- 1- 1-

Tabela 3-9. Os 18 tipos de temperamento

| # | Tipo | Interpretação e perfil | Exemplo (caricatura) | Descrição | Critério distintivo | Símbolo |
|---|------------|---|---|--|--|-------------|
| 1 | C Ψ P | Conhecer psíquico dominante 7 1 1 1 1 1 ou 3 1 4 1 1 | filósofo teórico idealista matemático | gosto por: idéias, teorias, abstrato, organização, coerência | idéias, teoria | olho, luz |
| 2 | S Ψ P | Sentir psíquico dominante 1 7 1 1 1 1 ou 3 1 1 4 1 | místico romântico platônico sonhador | fascínio pela estética, pelo belo; prazer no mundo da fantasia; contemplação; experienciar; relacionar-se | Contemplação união | ouvido, voz |
| 3 | A Ψ P | Agir psíquico dominante 1 1 7 1 1 1 ou 3 1 1 1 4 | criador inventor mártir estóico asceta | criar fantasias, idéias; mártir por uma causa | criação autodoação sacrifício | |
| 4 | CM | Conhecer misto 7 1 1 7 1 1 ou 3 3 7 1 1 | cientista (empírico) | gosto pelas idéias mas aplicadas à realidade (teórico e empírico) | ciência | |
| 5 | SM | Sentir misto 1 7 1 1 7 1 ou 3 3 1 7 1 | gourmet namorado | prazer pelas coisas, mas sofisticado | arte plástica | |
| 6 | AM | Agir Misto 1 1 7 1 1 7 ou 3 3 1 1 7 | mecânico experimentador engenheiro arquiteto | produzir coisas úteis ou belas | experimentar construir | |
| 7 | C Φ P | Conhecer físico dominante 1 1 1 7 1 1 ou 1 3 4 1 1 | sensualista | gosto por manipular coisas, sentir a mecânica das coisas | laboratório experimental | olho, luz |

| | | | | | | |
|----|------|--|----------------------------------|--|---|-------------|
| 8 | SΦP | Sentir físico dominante 1 1 1 1 7 1 ou 1 3 1 4 1 | hedonista gozador glutão | prazer dos sentidos | prazer físico | ouvido, voz |
| 9 | AΦP | Agir físico dominante 1 1 1 1 1 7 ou 1 3 1 1 4 | atleta/esportista | gosto pelo movimento do corpo e exercícios físicos | esporte | |
| 10 | C-SΨ | Conhecer-Sentir psíquico 7 7 1 1 1 1 ou 5 1 4 4 1 | artista músico | gosto e fascínio pelas idéias, pelos ideais do bom e do belo | arte intuição | |
| 11 | C-AΨ | Conhecer-Agir psíquico 7 1 7 1 1 1 ou 5 1 4 1 4 | humanista filantropo líder | fazer o bem e o certo | ética | |
| 12 | S-AΨ | Sentir-Agir psíquico 1 7 7 1 1 1 ou 5 1 1 4 4 | devotado amigo empático | gosto para ajudar o outro | devoção, lealdade cooperação | |
| 13 | C-SM | Conhecer-Sentir Misto 4 4 1 4 4 1 ou 3 3 4 4 1 | existencialista | gosto para conhecer e sentir a vida e todas as coisas | vivência | |
| 14 | C-AM | Conhecer-Agir Misto 4 1 4 4 1 4 ou 3 3 4 1 4 | gerente | | ativista, pragmático | |
| 15 | S-AM | Senti-Agir Misto 1 4 4 1 4 4 ou 3 3 1 4 4 | protetor fanático kamikaze | | fã, fanatismo | |
| 16 | C-SΦ | Conhecer-Sentir Físico 1 1 1 7 7 1 ou 1 5 4 4 1 | | | | |
| 17 | C-AΦ | Conhecer-Agir Físico 1 1 1 7 1 7 ou 1 5 4 1 4 | artesão | | | |
| 18 | S-AΦ | Sentir-Agir Físico 1 1 1 1 7 7 ou 1 5 1 4 4 | dançarino | | | |

Como se vê, há ainda muitas caselas vazias e outras mal concebidas neste quadro de caracterizações dos tipos psicológicos. Tal vazio se deve, em parte, à ignorância do autor e, em parte, talvez ao atraso da ciência ou conhecimento da Psicologia. Falta ainda muita pureza na teoria e pesquisa na área da Psicologia científica. Esta tabela, aliás, mostra que em Psicologia ainda predomina a ignorância.

6. A Medida da Personalidade

Instrumentos para se aferir a personalidade e os tipos de personalidade que a teoria permite axiomatizar podem ser orientados para avaliar ou as 6 combinações vetoriais do modelo ou os 18 tipos resultantes das combinações. Enquanto os 18 tipos podem ser considerados como tipos exemplares, a avaliação feita em termos das 6 combinações permite criar um número ilimitado de tipos, estabelecendo o perfil característico dos mesmos em termos dessas seis combinações (veja figura 3-10) e, assim, estabelecer o perfil de personalidade do sujeito.

6.1. Operacionalização em cima dos vetores

Para que seja possível elaborar instrumentos de avaliação dos vetores do modelo, faz-se necessária uma definição muito detalhada e precisa das combinações dos vetores, a saber: C Ψ P, S Ψ P, A Ψ P, C Φ P, S Φ P, A Φ P. Esta descrição deve ser feita na linha do esboço dado para estas combinações nas tabelas 3-8 e 3-9; contudo ela deve ser bem mais elaborada e explicitada, para fornecer suficientes dicas em termos de comportamentos típicos e específicos (disjuntivos) que representariam cada uma destas combinações. Esta é ainda a parte mais fraca do presente modelo, visto que tanto as definições constitutivas e, mais ainda, as definições operacionais muito deixam a desejar, por se apresentarem ainda lacunares, incompletas e insuficientes. Esse é um estado lastimável, porque toda a informação empírica sobre a personalidade depende da qualidade da solução dada a esta problemática, em particular das definições operacionais. Para se melhorar este estado de coisas, deve-se aprofundar e de preferência exaurir a exposição das categorias comportamentais que expressam as combinações vetoriais, conforme iniciado nas tabelas 3-8 e 3-9.

6.2. O perfil tipológico

A avaliação feita em cima das 6 combinações vetoriais (como já foi dito na figura 3-8) permite descrever o sujeito em termos do perfil que resulta da pontuação nesses 6 fatores, além de permitir uma avaliação em fatores, digamos, de segunda ordem, que surgiriam da média respectiva dos 2 vetores de ser (psíquico e físico) e dos 3 vetores de funções (conhecer, senti, agir), como mostra a figura 3-11.

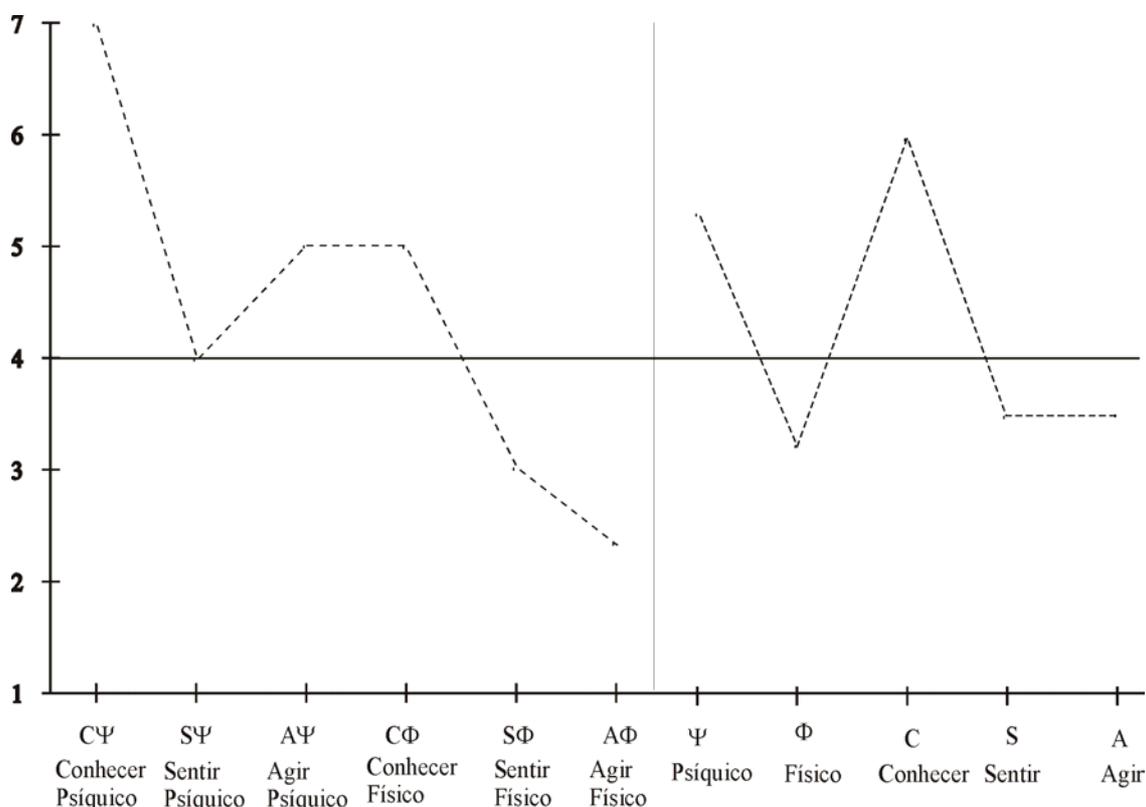


Figura 3-11. Ilustração da avaliação do sujeito em perfil tipológico

A figura mostra o perfil fictício de um bom cientista empírico, onde os escores são os seguintes:

Vetores: Combinações vetoriais:

$$C\Psi = 7$$

$$S\Psi = 4 \text{ o que implica } \Psi = (7+4+5)/3 = 5,3$$

$$A\Psi = 5 \text{ em que } \Phi = (6+3+2,5)/3 = 3,8$$

$$C\Phi = 6C = (7+6)/2 = 6,5$$

$$S\Phi = 3S = (4+3)/2 = 3,5$$

$$A\Phi = 2,5A = (5+2,5)/2 = 3,8.$$

Assim, o nosso cientista fictício é caracterizado por escores altos em conhecimento, aos níveis psíquico e físico, bem como em ação psíquica, e escores medianos em sentir, tanto físico quanto psíquico, e baixos em ação física. Em segunda ordem, este cientista aparece como funcionando mais ao nível psíquico que físico e preponderantemente caracterizado pela função do conhecer.

Na verdade, essa ilustração do cientista é um compromisso, porque em cada um dos 6 vetores existe uma série de funções envolvidas, como foi detalhado na tabela 3-5. Se forem levadas em conta todas essas funções, então o perfil acima exposto (figura 3-11) de fato deveria ser recalculado, levando em conta todas as funções envolvidas, e se apresentaria como na figura 3-12.

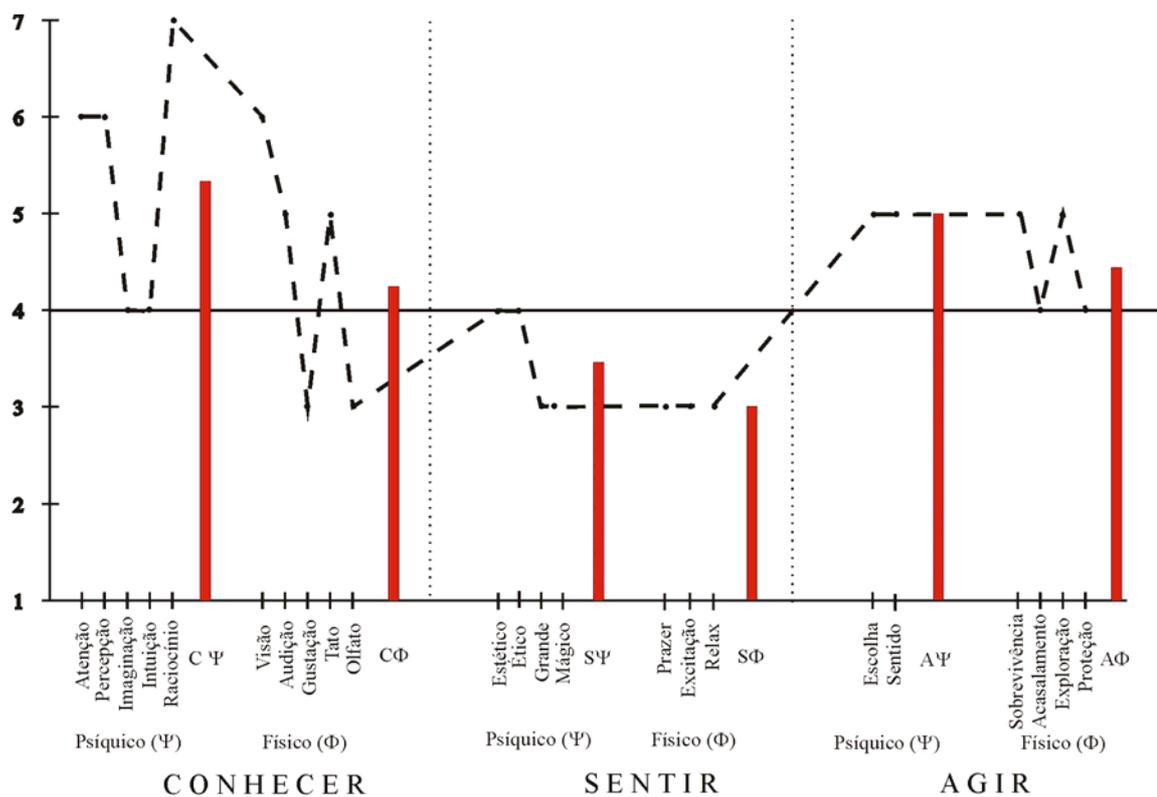


Figura 3-12. Ilustração da avaliação do sujeito em perfil tipológico

Nesta figura, as colunas grossas expressam o perfil do sujeito em termos dos 6 vetores, que são uma média dos escores obtidos nas respectivas funções dentro de cada vetor. Assim, por exemplo, no caso do vetor Conhecer, o sujeito recebeu o escore 6 nas funções de Memória e Percepção, 4 em Imaginação e Intuição e 7 em Raciocínio, resultando num escore total médio de 5,4 no vetor $((6+6+4+4+7) \div 5)$.

6.3. Operacionalização em cima dos 18 tipos

Se você prefere, a descrição tipológica do sujeito pode ser feita em cima dos 18 tipos exemplares apresentados na tabela 3-9. Para tanto será preciso elaborar o perfil do sujeito utilizando os escores do perfil obtido na figura 3-10, fazendo as transformações apresentadas na tabela 3-10.

Tabela 3-10. Regras para obtenção do perfil em termos dos 18 tipos

| Tipo | Vetores | | | | |
|------|---------|-------|-------|-------|-------|
| | Ψ | Φ | C | S | A |
| CΨP | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 |
| SΨP | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 |
| AΨP | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 | 1 a 3 | 5 a 7 |
| CΦP | 1 a 3 | 5 a 7 | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 |
| SΦP | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 |
| AΦP | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 | 5 a 7 |
| CM | 5 - 7 | 5 - 7 | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 |
| SM | 5 a 7 | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 |
| AM | 5 a 7 | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 | 5 a 7 |
| C-SΨ | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 | 5 a 7 | 1 a 3 |
| C-AΨ | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 |
| S-AΨ | 5 a 7 | 1 a 3 | 1 a 3 | 5 a 7 | 5 a 7 |
| C-SΦ | 1 a 3 | 5 a 7 | 5 a 7 | 5 a 7 | 1 a 3 |
| C-AΦ | 1 a 3 | 5 a 7 | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 |
| S-AΦ | 1 a 3 | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 | 5 a 7 |
| C-SM | 3 - 5 | 3 - 5 | 5 a 7 | 5 a 7 | 1 a 3 |
| C-AM | 3 - 5 | 3 - 5 | 5 a 7 | 1 a 3 | 5 a 7 |
| S-AM | 3 - 5 | 3 - 5 | 1 a 3 | 5 a 7 | 5 a 7 |

Por exemplo, os perfis de primeira e segunda ordem do fictício cientista empírico eram:

| | | | | | | | | | | |
|---------------------------|----|----|----|----|-----|--------------------------|-----|-----|-----|-----|
| CΨ | SΨ | AΨ | CΦ | SΦ | AΦ | Ψ | Φ | C | S | A |
| 7 | 4 | 5 | 6 | 3 | 2,5 | 5,3 | 3,8 | 6,5 | 3,5 | 3,8 |
| Fatores de primeira ordem | | | | | | Fatores de segunda ordem | | | | |

Assim, seu tipo será essencialmente CM (da tabela 3-9), isto é, o cientista se caracteriza pela função de conhecer em ambos os níveis de ser, psíquico e físico. No caso, o nível físico no perfil de segunda ordem não caracterizaria o cientista como atuando neste nível; entretanto, o perfil de segunda ordem, para o caso do ser, engloba os escores também do sentir e do agir; como estes últimos são baixos no cientista, eles rebaixam o escore no vetor físico. Mas, você vê que o conhecer ao nível físico é alto no perfil de primeira ordem, o que caracteriza o cientista como atuando expressivamente também neste quadrante vetorial.

7. (Re)Interpretação de Tipos Psicológicos Clássicos

Utilizando os esquemas acima detalhados, podemos interpretar os tipos psicológicos que aparecem como clássicos na literatura tanto científica quanto de divulgação, procurando dar-lhes os fatores geradores ou explicativos de porque o tipo é e age daquele modo. Esta tentativa constitui um exemplo de como se pode transformar praticamente qualquer tipologia que existe no mercado em termos da presente teoria. O exemplo será feito com a tipologia tradicional e histórica dos temperamentos de colérico, sanguíneo, fleumático e melancólico (tipologia de Hipócrates e Galeno) e com a tipologia dos *Big-Five*. Mas você pode tentar com qualquer outra existente no mercado.

7.1 . A Tipologia Hipocrática

Assim, vamos analisar os tipos que surgiram com as classificações mais antigas, que vêm desde Hipócrates e Galeno, a saber: sanguíneo, melancólico, colérico e fleumático. A figura 3-13 ajuda a visualizar o que segue sobre estes tipos.

O Sanguíneo

Pelos dados da literatura, este tipo pode ser classificado, dentro do presente esquema, pela seguinte configuração:

3 4 3 6 6 4 | 3,3 5,3 4,5 5,0 3,5

Esta ordenação de dígitos diz que o sanguíneo

- vive mais ao nível do físico, especificamente do conhecimento sensorial e, sobretudo, da emoção
- sua vida é o sentir, um tanto superficial: **emoção**
- é entusiasta, bem-humorado
- empolgação forte, mas de curta duração
- o prazer e o belo físicos são fundamentais
- o contato com os outros é essencial
- ação imediata, mas sem persistência

Qualidades: entusiasmo, otimismo, companheiro

Fraquezas: hedonismo, impulsividade, volubilidade.

Tal sujeito seria caracterizado como tipo C-SM, cujo lema é “viver a vida”.

O Melancólico

Pelos dados da literatura, este tipo pode ser classificado, dentro do presente esquema, pela seguinte configuração:

7 6 3 3 3 3 | 5,3 3,0 4,5 4,5 3,0

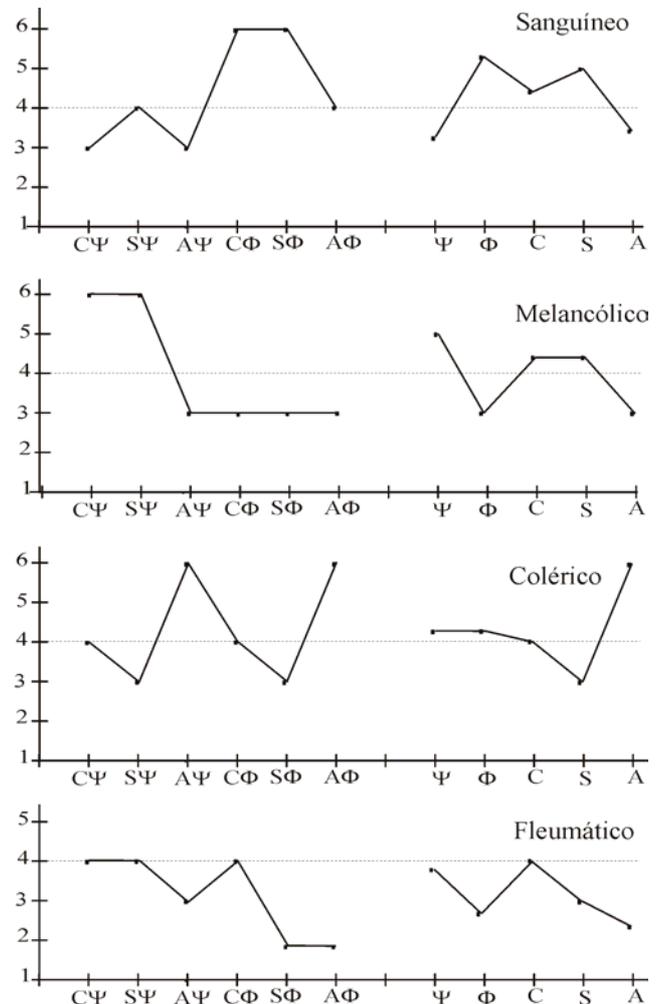


Figura 3-13. Perfis dos temperamentos históricos

Esta ordenação de dígitos diz que o melancólico

- Vive mais no mundo psicológico do que no físico, em especial ao nível do conhecimento e do sentimento
- O conhecer e o sentir profundo caracterizam sua vida (**intelecto** e **sentimento**)
- Está sempre refletindo, é analítico ao extremo (seu forte é o raciocínio e a imaginação)
- Aprecia as belas artes e a amizade profunda e duradoura
- Não procura e não precisa de amigos
- No agir é ponderado e lento

Qualidades: reflexão, fidelidade, autoconfiança

Fraquezas: hostilidade, melancolia, depressão

Tal sujeito seria caracterizado como tipo C-SΨ, cujo lema é “viver é refletir”.

O Colérico

Pelos dados da literatura, este tipo pode ser classificado, dentro do presente esquema, pela seguinte configuração:

4 3 6 4 3 6 | 4,3 4,3 4,0 3,0 6,0

Esta ordenação de dígitos diz que o colérico

- Vive tanto ao nível psicológico quanto físico, especificamente ao nível da ação
- A atividade é o seu lema (**ação**)
- Tem uma força de vontade ao intransigente: manda e desmanda
- Autoconfiança ao extremo: nada é impossível
- É racional e prático, por isso é bem-sucedido
- Age antes de pensar: a intuição e a perspicácia são seu guia
- Tem pouco senso de amizade e compaixão

Qualidades: persistência, liderança, organização, coragem

Fraquezas: tirania, teimosia, intolerância, insensibilidade, impaciência

Tal sujeito seria caracterizado como tipo AM, cujo lema é “viver é agir”.

O Fleumático

Pelos dados da literatura, este tipo pode ser classificado, dentro do presente esquema, pela seguinte configuração:

4 4 4 4 2 2 | 4,0 2,7 4,0 3,0 3,0

- Esta ordenação de dígitos diz que o fleumático
- Vive mais ao nível do psicológico, embora tenha habilidades, faz pouco uso das mesmas, pois agir para ele é um pesadelo
- Orienta-se mais pelo conhecimento, mas como espectador
- A vida e as coisas são como um cinema: nada o perturba, apenas acompanha com curiosidade
- É gozador, faz humor de tudo
- Adapta-se a qualquer situação
- Quanto ao sentir, ele é um pacificador; sente mas não demonstra, quer sossego
- Quanto à ação: sabe o que deve ser feito, mas nunca toma a iniciativa.

Qualidades: calma, humor, paciência

Fraquezas: inação, indiferença, gozação e sarcasmo.

Tal sujeito seria caracterizado como tipo mediano nas funções psíquicas e tipo baixo nas funções físicas, pois seu lema é “viver é sombra e água fresca”.

7.2 – A Tipologia dos Big-Five

O modelo de personalidade dos cinco fatores vem tendo bastante impacto na pesquisa e na prática profissional dos psicólogos dos dias de hoje. Ele recebe apoio enfático de uns (Ex., Digman, 1990) e crítica de outros (Ex., McCrae, 1992; Junger-Tasman, 1995).

A tipologia dos cinco fatores foi trabalhada melhor por Costa e McCrae (1992, 1995; McCrae & Costa, 1991). Supostamente, o modelo cobre uma visão exaustiva dos estilos emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais do ser humano (Junger-Tasman, 1995).

Os autores definiram cinco grandes fatores na teoria de personalidade, distinguindo, dentro de cada fator, uma série de facetas ou aspectos que caracterizam o fator. Seguindo os autores, a tabela 3-11 caracteriza os fatores com suas facetas. Na mesma tabela, na última coluna, aparece(m) o(s) quadrante(s) da presente teoria em que tais fatores se situam.

| Fator | Faceta | Quadrante |
|-------------------|-----------------------------|------------|
| Neuroticismo | Ansiedade, preocupação | SΨ |
| | Raiva, hostilidade | SΨ e AΨ |
| | Depressão, desencorajamento | SΨ |
| | Autoconsciência | SΨ |
| | Impulsividade | SΦ e AΦ |
| | Vulnerabilidade | SΦ e AΦ |
| Extroversão | Calor | SΨ |
| | Gregariedade | SΨ |
| | Assertividade | AΨ |
| | Atividade | AΨ e AΦ |
| | Procura de excitação | SΦ |
| | Emoções positivas | SΦ |
| Abertura | Fantasia | CΨ |
| | Estética | SΨ |
| | Sentimentos | SΨ |
| | Ações | AΨ e AΦ(?) |
| | Idéias | CΨ |
| | Valores | SΨ |
| Cordialidade | Confiança | SΨ |
| | Franqueza | AΨ |
| | Altruísmo | AΨ |
| | Conformidade | AΨ |
| | Modéstia | SΨ e AΨ |
| | Ternura | SΨ |
| Conscienciosidade | Competência | AΨ |
| | Ordem | AΨ |
| | Responsabilidade | AΨ |
| | Motivação de desempenho | AΨ |
| | Autodisciplina | AΨ |
| | Deliberativo (Reflexivo) | AΨ e CΨ |

Essa tentativa de equiparar os fatores dos Big-Five aos vetores da presente teoria mostra que aqueles fatores, de um ponto de vista de teoria, estão ainda muito mal conceituados. O modelo dos cinco fatores, contudo, é uma teoria desenvolvida empiricamente, o que dificilmente levaria a uma concepção de tipos ideais na concepção de Weber (1949), por exemplo, onde os tipos são definidos por características disjuntivas e exaustivas de um ponto de vista conceitual. Uma classificação empírica tem grande valor pragmático, porque ela enquadra os tipos em termos de predominância dos tipos reais, mas ela não parece útil para o desenvolvimento da teoria psicológica (Veja Bailey, 1994 sobre as bases das tipologias e taxonomias).

4. Bibliografia

Luiz Pasquali

- Ahadi, S.A., Rothbart, M.K., & Ye, R. (1993). Child temperament in the U.S. and China: Similarities and differences. *European Journal of Personality*, 7, 359-378.
- Allport, G.W. (1937, 1946). *Personality: A psychological interpretation*. New York: Henry Holt and Company.
- Allport, G.W. (1961). *Pattern and growth in personality*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Barclay, J.R. (1991). *Psychological assessment: A theory and systems approach*. Malabar, FL: Krieger Publishing Co.
- Barclay, L.K. (1987). Skill development and temperament in kindergarten children: A cross-cultural study. *Perceptual and Motor Skills*, 65, 963-972.
- Barr, L. & Barr, N. (1989). *The leadership equation*. Austin, TX: Eaking Press.
- Bates, J.E. (1986). The measurement of temperament. In R. Plomin & J. Dunn (Eds.), *The study of temperament: Changes, continuities, and challenges*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bates, J.E. (1987). Temperament in infancy. In J.D. Osofsky (Ed.), *Handbook in infant development* (2nd ed.). New York: Wiley.
- Bates, J.E. (1989). Concepts and measures of temperament. In G.A. Kohnstamm, J.E. Bates, & M.K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood*. New York: Wiley, 3-26.
- Bates, J.E. (1989). Applications of temperament concepts. In G.A. Kohnstamm, J.A. Bates, & M.K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood*. New York: Wiley, 321-355.
- Bates, J.E. & Wachs, T.D. (Eds. – 1994). *Temperament: Individual differences at the interface of biology and behavior*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Berger, G. (1963). *Traité pratique d'analyse du caractère*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Binet, A. (1922). *L'Étude expérimentale de l'intelligence*. Paris: Alfred Costes.
- Braungart, J.M., Plomin, R., DeFries, J.C., & Fulker, D.W. (1992). Genetic influence on tester-rated infant temperament as assessed by Bayley's Infant Behavior Record: Non-adoptive and adoptive siblings and twins. *Developmental Psychology*, 28, 40-47.
- Briggs-Myers, I. & McCaulley, M.H. (1985). *Manual: A guide to the development and use of the Myers-Briggs Type Indicator*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Briggs-Myers, I. & Myers, P. (1980). *Gifts differing*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Burks, J. & Rubenstein, M. (1979). *Temperament styles in adult interaction*. New York: Brunner-Mazel.
- Buss, A.H. & Plomin, R. (1974). *A temperament theory of personality development*. New York: Wiley.
- Buss, A.H. & Plomin, R. (1984). *Temperament: Early developing personality traits*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Buss, A.H. & Plomin, R. (1986). The EAS approach to temperament. In R. Plomin & J. Dunn (Eds.), *The study of temperament: Changes, continuities, and challenges*. Hillsdale, NH: Erlbaum.
- Carey, W.B. (1974). Night waking and temperament in infancy. *Journal of Pediatrics*, 81, 823-828.
- Carey, W.B. & McDevitt, S.C. (Eds. – 1989). *Clinical and educational applications of temperament research*. Amsterdam/Lisse, Holland: Swets & Zeitlinger.
- Carey, W.B. (1985). Interactions of temperament and clinical conditions. *Advances in Developmental and Behavioral Pediatrics*, 6, 83-115.
- Carey, W.B. & McDevitt, S.C. (1978). Revision of the infant temperament questionnaire. *Pediatrics*, 61, 735-739.

- Carlyn, M. (1977). An assessment of the Myers-Briggs Type Indicator. *Journal of Personality Assessment*, 41, 461-473.
- Cattell, R.B. (1950). *Personality: A systematic theoretical and factual study*. New York: McGraw-Hill.
- Cattell, R.B. (1965). *The scientific analysis of personality*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Cattell, R.B., Eber, H.W., & Tatsuoka, M.M. (1970). *The 16-Factor Personality Questionnaire*. Champaign, IL: IPAT.
- Chess, S. & Thomas, A. (1984). *Origins and evolution of behavior disorders*. New York: Brunner/Mazel.
- Chess, S. & Thomas, A. (1986). *Temperament in clinical practice*. New York: Guilford.
- Ciba Foundation Symposium 89 (1982). *Temperament differences in infants and young children*. London: Pitman.
- Claridge, G. (1985). *Origins of mental illness: Temperament, deviance, and disorder*. Oxford: Basil Blackwell.
- Coan, R.W. (1979). The Myers-Briggs Type Indicator. In O.K. Buros, *The VIIIth mental measurement yearbook*. Highland Park, CA: Gryphon Press.
- Coe, C.K. (1992). The MBTI: Potential uses and misuses in personnel administration. *Public Personnel Management*, 21(4), 511-522.
- Cole, M. & Maltzman, I. (1969 – Eds.). *A handbook of contemporary Soviet psychology*. New York: Basic Books.
- Corulla, W.J. (1989). The relationship between the Strelau Temperament Inventory, sensation seeking and Eysenck's dimensional system personality. *Personality and Individual Differences*, 10, 161-173.
- Costa, P.T., McCrae, R.R., & Norris, A.H. (1981). Personal adjustment to aging: Longitudinal prediction from neuroticism and extraversion. *Journal of Gerontology*, 36(1), 78-85.
- Costa, P.T. Jr. & McCrae, R.R. (1985). *The NEO Personality Inventory*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P.T. Jr. & McCrae, R.R. (1988). From catalog to classification: Murray's needs and the five-factor model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, 258-265.
- Cowles, M. & Davis, C. (1988). Relationships between trait measures in groups chosen for their extreme scores on the Eysenck Personality Inventory. *Personality and Individual Differences*, 9(2), 313-319.
- Cruise, R.J., Blichington, W.P., & Fitcher, W.G.A. (1980). Temperament inventory: An instrument to empirically verify the four-factor hypothesis. *Educational and Psychological Measurement*, 40, 943-954.
- Davies, P. (1983). *God and the new physics*. New York: Simon & Schuster. A Touchstone Book.
- Davis, C. & Cowles, M. (1988). A laboratory study of temperament arousal: A test of Gale's hypothesis. *Journal of Research in Personality*, 22(1), 101-116.
- DeFries, J.C., Plomin, R., & Fulker, D.W. (1994). *Nature and nurture during middle childhood*. Oxford: Blackwell.
- De Vries, M. (1984). Temperament and infant mortality among the Masai of East Africa. *American Journal of Psychiatry*, 141, 1189-1194.
- Derryberry, D. (1987). Incentive and feedback effects on target detection: A chronometric analysis of Gray's model of temperament. *Personality and Individual Differences*, 8(6), 855-865.
- Digman, J.M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.
- Ehrman, M. & Oxford, R. (1990). Adult language learning styles and strategies in an intensive training setting. *Modern Language Journal*, 74(3), 311-327.
- Eliasz, A. (1985). Transactional model of temperament. In J. Strelau (Ed.), *Temperament bases of behavior: Warsaw studies on individual differences*. Lisse, Holland: Swets & Zeitlinger.
- Eliasz, A. & Wrzesniewski, K. (1986). A behavior resulting from internal or external reinforcements. *Polish Psychological Bulletin*, 17, 39-53.
- Eliasz, A. (1981). *Temperament a system regulacji stymulacji*. Warszawa: Panstwowe Wydawnictwl Naukowe.
- Elliot, T.R. & Maples, S. (1991). Stress management training for employees experiencing corporate acquisition. *Journal of Employment Counseling*, 28(3), 107-114.
- Eysenck, H.J. (1970). *The structure of human personality*. London: Methuen.

- Furnham, A. & Stringfield, P. (1993). Personality and work performance: Myers-Briggs Type Indicator correlates of managerial performance in two cultures. *Personality and Individual Differences*, 14(1), 145-153.
- Goldsmith, H.H., Buss, A.H., Plomin, R., Rothbart, M., Thomas, A., Chess, S., Hinde, R.A., & McCall, R.B. (1987). Roundtable: What is temperament? Four approaches. *Child Development*, 58, 505-529.
- Goldsmith, H.H. & Campos, J.J. (1986). Fundamental issues in the study of early temperament: The Denver Twin Temperament Study. In M.E. Lamb & B. Rogoff (Eds.), *Advances in developmental psychology*, vol. 4. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Goldsmith, H.H. & Gottesman, I.I. (1981). Origins of variation in behavioral style: A longitudinal study of temperament in young twins. *Child Development*, 52, 91-103.
- Goldsmith, H.H. & Rothbart, M.K. (1992). *Laboratory temperament assessment Battery (LAB-TAB); Pre- and locomotor versions*. Eugene: University of Oregon.
- Gorlow, L., Simonson, N.R., & Krauss, H. (1988). *An empirical investigation of the Jungian typology*. In G. Lindzey, C.S. Hall, M. Manosevitz, & R.E. Krieger. Florida: Publishing Company.
- Grant, W.H., Thompson, M., & Clarke, T.E. (1983). *From image to likeness - A Jungian path in the gospel journey*. Ramsey, NJ: Paulist Press.
- Gray, H. & Wheelwright, J.B. (1946). Jung's psychological types: Their frequency and occurrence. *Journal of Genetic Psychology*, 34, 3-17.
- Guilford, J.P. (1959). *Personality*. New York: McGraw-Hill.
- Guilford, J.S., Zimmerman, W.S., & Guilford, J.P. (1976). *The Guilford-Zimmerman Temperament Survey handbook*. San Diego, CA: EDITS.
- Harburg, E., Gleibermann, L., Gershowitz, H., Ozgoren, F., & Kulik, D. (1982). Twelve blood markers and measures of temperament. *British Journal of Psychiatry*, 140, 401-409.
- Heymans, G. (1910). Die Psychologie der Frauen.
- Heymans, G. & Wiersma, E. (1906). Beitrage zur speziellen Psychologie auf Grund einer Massenuntersuchung. *Zeitschrift fuer Psychologie*, 42, 81-127, 253-301.
- Heymans, G. & Wiersma, E. (1919). Beitrage zur speziellen Psychologie auf Grund einer Massenuntersuchung. *Zeitschrift fuer Psychologie*, 80, 76-89.
- Heymans, G. (1908). Ueber einige psychische Korrelationen. *Zeitschrift für angewandte Psychologie*, 313-381.
- Hirsh, S. & Kummerow, J. (1989). *Life types*. Canada: Warner Books, Inc.
- Hirsh, S.K. (1985). *Using the Myers-Briggs Type Indicator in organizations*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Hubert, N.C., Wachs, T.D., Peters-Martin, P., & Gandour, M.J. (1982). The study of early temperament: Measurement and conceptual issues. *Child Development*, 53, 571-600.
- Isachsen, O. & Berens, L. (1988). *Working together*. Coronado, CA: New World Management Press.
- Jacka, B. (1991). Personality variables and attitudes toward dream experiences. *Journal of Psychology*, 125(1), 27-31.
- James, W. (1948). *Psychology*. Cleveland, OH: The World Publishing Company.
- Jung, C.G. (1967). *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Jung, C.G. (1974). Personality theory from the standpoint of analytical psychology. In W.S. Sahakian (ed.), *Psychology of personality: Readings in theory*. Chicago, IL: Rand McNally College Publishing Company, 48-82.
- Kagan, J. (1989). Temperamental contributions to social behavior. *American Psychologist*, 44, 668-674.
- Keirsey, D. & Bates, M. (1984). *Please understand me. An essay on temperament styles*. Del Mar, CA: Prometheus Nemesis Book Company.
- Keirsey, D. (1987). *Portraits of temperament*. Del Mar, CA: Prometheus Nemesis Book Company.
- Keogh, B.K. (1982). Children's temperament and teachers' decisions. In R. Porter & G.M. Collins (Eds.), *Temperamental differences in infants and young children* (Ciba Foundation Symposium 89). Pitman: London.

- Klages, L. (1929). *The science of character*. London: George Allen & Unwin Ltd.
- Kline, P. (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- Kochanska, G. (1991). Socialization and temperament in the development of guilt and conscience. *Child Development, 62*, 1379-1392.
- Kochanska, G. (1993). Toward a synthesis of parental socialization and child temperament in early development of conscience. *Child Development, 64*, 325-347.
- Kochanska, G. (1995). Children's temperament, mothers' discipline, and security of attachment: Multiple pathways to emerging internalization. *Child Development, 66*, 597-615.
- Kochanska, G., DeVet, K., Goldman, M. Murray, K., & Putnam, S. (1994). Maternal reports of conscience development and temperament in young children. *Child Development, 65*, 852-868.
- Kochanska, G., Murray, K., Jacques, T.Y., Koenig, A.L., & Vandegesst, K.A. (1996). Inhibitory control in young children and its role in emerging internalization. *Child Development, 67*, 490-507.
- Kohnstamm, G.A., Bates, J.E., & Rothbart, M.K. (1989). *Temperament in childhood*. Chichester: Wiley.
- Kreienkamp, R.A. & Luessenheide, H.D. (1985). Similarity of personalities of flight instructors and student-pilots: Effect on flight training time. *Psychological Reports, 57*(2), 465-466.
- Kretschmer, E. (1925). *Physique and character: An investigation of the nature of constitution and of the theory of temperament*. New York: Harcourt-Brace.
- Kroeger, O. & Thuesen, J.M. *Type talk*. Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.
- Kroeger, O. & Thuesen, J.M. *Type talk at work*. Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.
- Kroeger, O. & Thuesen, J.M. (). *Type watch*. Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.
- Lawrence, G. (). *People types and tiger strips*. Gainesville, FL: Center for Applications of Psychological Type.
- Le Gall, A. (1964). *Caractérologie des enfants et des adolescents à l'usage des parents et des éducateurs*. 6me éd. Paris: Presses Universitaires de France.
- Le Senne, R. (1963). *Traité de caractérologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Levy, R.I. (1984). The emotions in comparative perspective. In Klaus R. Scherer & Paul Ekman (Orgs. – 1984), *Approaches to emotion*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 397-412.
- Lowen, W. & Miike, L. (1982). *Dichotomies of the mind: A system science model of the mind and personality*. New York: John Wiley.
- Martin, R.P., Paget, K., & Nagle, R. (1983). Relationships between temperament and classroom behavior, teacher attitudes, and academic achievement. *Journal of Psychoeducational Assessment, 1*, 370-386.
- Martin, R.P. (1984). *The temperament assessment battery: Interim manual*. Athens: Development Metrics.
- Martin, R.P., Drew, K.D., Gaddis, L.R., & Moseley, M. (1988). Prediction of elementary school achievement from preschool temperament: Three studies. *School Psychology Series, 17*, 125-137.
- Maziade, M., Caperaa, P., Laplante, B., Boudreault, H., Thivierge, J. Cote, R., & Boutin, P. (1985). Value of difficult temperament among 7 year-olds in the general population for predicting psychiatric diagnosis at age 12. *American Journal of Psychiatry, 142*, 943-946.
- Mehrabian, A. O'Reilly, E. (1980). Analysis of personality measures in terms of basic dimensions of temperament. *Journal of Personality and Social Psychology, 38*, 492-503.
- Mehrabian, A. (1987). *Eating characteristics and temperament: General measures and interrelationships*. New York: Springer-Verlag.
- Mehrabian, A. (1991). Outline of a general emotion-based theory of temperament. In J. Strelau & A. Angleitner (Eds.), *Explorations in temperament: International perspectives on theory and measurement*. New York: Plenum Press, 75-86.
- Mehrabian, A. (1995). Framework for a comprehensive description and measurement of emotional states. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs, 121*, 339-361.

- Mehrabian, A. (1995). Relationships among three general approaches to personality description. *Journal of Psychology*, 129, 565-581.
- Mehrabian, A. (1996). Pleasure-arousal-dominance: A general framework for describing and measuring individual differences in temperament. *Current Psychology*, 14, 261-292.
- Mendelsohn, G.A. (1965). The Myers-Briggs Type Indicator. In O.K. Buros, *The VIth mental measurement yearbook*. Highland Park, CA: Gryphon Press.
- Noring, J. (1993). *A summary of personality typing*. Livermore, CA: noring@netcom.com.
- Oakland, T. (1991). *Student temperament assessment record – STAR*.
- Pavlov, I. (1954). *Oeuvres choisies*. Moscou: Editions en Langues Étrangères.
- Pinker, S. (1999). *Como a mente funciona*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Plomin, R & Dunn, J. (Eds. - 1986). *The study of temperament: Changes, continuities, and challenges*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Plomin, R. & DeFries, J.C. (1985). *Origins of individual differences in infancy: The Colorado adoption Project*. Orlando: Academic Press.
- Plomin, R., DeFries, J.C., Fulker, D.W. (1988). *Nature and nurture during infancy and early childhood*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Plomin, R. & Rowe, D.C. (1979). A twin study of temperament in young children. *Journal of Psychology*, 97, 107-113.
- Popper, K.R. & Eccles, J.C. (1977). *O eu e seu cérebro*. Brasília: Editora UnB.
- Prior, M., Crook, G., Stripp, A., Power, M., et al. (1986). The relationship between temperament and personality: An exploratory study. *Personality and Individual Differences*, 7(6), 875-881.
- Pullis, M. & Cadwell, J. (1982). The influence of children's temperament characteristics on teachers' decision strategies. *American Educational Research Journal*, 19, #2, 165-181.
- Quinn, M.T., Lewis, R.J., & Fischer, K.L. (1992). A cross-correlation of the Myers-Briggs and Keirsey instruments. *Journal of College Student Development*, 33(3), 279-280.
- Riese, M.L. (1990). Neonatal temperament in monozygotic and dizygotic twin pairs. *Child Development*, 61, 1230-1237.
- Rothbart, M.K. (1981). Measurement of temperament in infancy. *Child Development*, 52, 569-578.
- Rothbart, M.K. (1986). Longitudinal observation of infant temperament. *Developmental Psychology*, 22, 356-365.
- Rothbart, M.K. (1987). *Children's behavior questionnaire: Version 1*. Unpublished manuscript. Eugene: Department of Psychology, University of Oregon.
- Rothbart, M.K. (1989). Temperament and development. In G.A.Kohnstamm, J.A. Bates, & M.K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood*. New York: Wiley, 187-247.
- Rothbart, M.K. (1989). Temperament in childhood: A framework. In G.A.Kohnstamm, J.A. Bates, & M.K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood*. New York: Wiley, 59-73.
- Rothbart, M.K. & Ahadi, S.A. (1994). Temperament and the development of personality. *Journal of Abnormal Psychology*, 103, 55-66.
- Rothbart, M.K., Ahadi, S.A., & Hershey, K.L. (1994). Temperament and social behavior in children. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40, 21-39.
- Rothbart, M.K., Derryberry, D., & Posner, M.I. (1994). A psychobiological approach to the development of temperament. In J.E. Bates & T.D. Wachs (Eds.), *Temperament; Individual differences at the interface of biology and behavior*. Washington, DC: American Psychological association, 83-116.
- Rowe, D.C. & Plomin, R. (1977). Temperament in early childhood. *Journal of Personality Assessment*, 41, 150-156.
- San-Martini, P. & Mazzotti, E. (1990). Relationships between the factorial dimensions of the Strelau Temperament Inventory and the EPQ-R. *Personality and Individual Differences*, 11(9), 909-914.
- Saudino, K.J. & Eaton, W.O. (1991). Infant temperament and genetics: An objective twin study of motor activity level. *Child Development*, 62, 1167-1174.
- Schemel, G.J. & Borbely, A. *Facing your type*. Wernersville, PA: Typofile Press.

- Schmitz, S. (1994). Temperament and personality. In J.C. DeFries, R. Plomin, & D.W. Fulker (Eds.), *Nature and nurture during middle childhood*. Oxford: Blackwell, 120-140.
- Schmitz, S., Saudino, K.J., Plomin, R., Fulker, D.W., & DeFries, J.C. (1996). Genetic and environmental influences on temperament in middle childhood: Analysis of teacher and tester ratings. *Child Development*, 67, 409-422.
- Sheldon, W.H. (1943). *Varieties of temperament*. New York: Harper.
- Sheldon, W.H., Dupertuis, C.W., & McDermott, E. (1970). *Atlas of men: A guide for somotyping the adult male at all ages*. Darien, CN: Hafner (originalmente publicado por Harper & Row, 1954).
- Spranger, E. (1928). *Types of men*. Halle, Alemanha: Niemeyer.
- Stelmak, R.M. & Stalikas, A. (1991). Galen and the humor theory of temperament. *Personality and Individual Differences*, 12(3), 155-163.
- Stevenson, J. & Fielding, J. (1985). Ratings of temperament in families of young twins. *British Journal of Developmental Psychology*, 3, 143-152.
- Strelau, J. (1974). Temperament as an expression of energy level and temporal features of behavior. *Polish Psychological Bulletin*, 5, 119-127.
- Strelau, J. (1983). *Temperament, personality, activity*. London: Academic Press.
- Strelau, J. (Ed. - 1985), *Temperament bases of behavior: Warsaw studies on individual differences*. Lisse, Holland: Swets & Zeitlinger.
- Strelau, J. (1987). The concept of temperament in personality theory. *European Journal of Personality*, 1, 107-117.
- Strelau, J. (1988). The regulative theory of temperament, address delivered at the University of Kentucky, November 7.
- Strelau, J. (1991). Are psychophysiological/psychophysical scores good candidates for diagnosing temperament/personality traits and for a demonstration of the construct validity of psychometrically measured traits? *European Journal of Personality*, 5(5), 323-342.
- Strelau, J. & Eysenck, H.J. (Eds. - 1987). *Personality dimensions and arousal*. New York: Plenum.
- Strelau, J., Angleitner, A., Bantelmann, J., & Ruch, W. (1990). The Strelau Temperament Inventory – Revised (STI-R): Theoretical considerations and scale development. *European Journal of Personality*, 4, 209-235.
- Stricker, L.J. & Ross, R. (1964). An assessment of some structural properties of the Jungian personality typology. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 68, 62-71.
- Sundberg, N.D. (1965). The Myers-Briggs Type Indicator. In O.K. Buros, *The VIth mental measurement yearbook*. Highland Park, CA: Gryphon Press.
- Thomas, A. & Chess, S. (1977). *Temperament and development*. New York: Brunner-Mazel.
- Thomas, A. & Chess, S. (1980). *Dynamics of psychological development*. New York: Brunner-Mazel.
- Torgersen, A.M. & Kringlen, E. (1978). Genetic aspects of temperamental differences in infants. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 17, 433-444.
- Von Eye, A. (1990). Introduction to configural frequency analysis. Cambridge: Cambridge University Press.
- Watson, D. & Clark, L.A. (1992). On traits and temperament: General and specific factors of emotional experience and their relation to the five-factor model. Special Issue: The five-factor model: Issues and applications. *Journal of Personality*, 60(2), 441-476.
- Windel, M. & Lerner, R.M. (1986). Reassessing the dimensions of temperamental individuality across the life-span: The Revised Dimensions of Temperament Survey (DOTS-R). *Journal of Adolescent Research*, 1, 213-230.
- Zuckerman, M. (1979). *Sensation seeking: Beyond the optimal level of arousal*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Zuckerman, M., Kolin, E.A., Price, L., & Zoob, I. (1964). Development of a sensation-seeking scale. *Journal of Consulting Psychology*, 28, 477-482.

Editor

Luiz Pasquali

Diretoria do Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida – LabPAM

Luiz Pasquali

Jacob A. Laros

Bartholomeu Tôrres Tróccoli

Conselho Editorial

Bartholomeu Tôrres Tróccoli

Hartmut Günther

Jacob A. Laros

Célia Zannon

Robson Medeiros de Araújo

Supervisão

Luiz Pasquali

Bartholomeu Tôrres Tróccoli

Revisão

Bartholomeu Tôrres Tróccoli

Robson Medeiros de Araújo

Célia Zannon

Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida – LabPAM - (*Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília*)

Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia – IBAPP - Brasília, DF – 2000

© Copyright 2000. Luiz Pasquali

Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida – LabPAM

Caixa Postal: 4464 – CEP: 70919-970 – Brasília, DF

Direitos Autorais

Os direitos autorais do livro pertencem ao Editor Luiz Pasquali, registrado sob o número 900993. A reprodução total ou parcial deste livro em outras publicações ou para qualquer outra utilidade está condicionada à autorização escrita do Editor. Pessoas interessadas em reproduzir partes deste livro (partes que excederem 500 palavras, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão escrita do autor.

Ficha Catalográfica:

I59 Os Tipos Humanos: A Teoria da Personalidade / Luiz Pasquali.

Brasília: LabPAM, 2000

312 p.: IL.

ISBN: 85-900993-?-?

1. Personalidade. 2. Tipos Psicológicos.

3. Temperamento.

I. Pasquali, Luiz.